



Qual é a Graça?

Camilo Riani

Eduardo Hoornaert

José Lima Jr.

Leonardo Belderrain

Maria Helena Ferrari

Paulo Botas

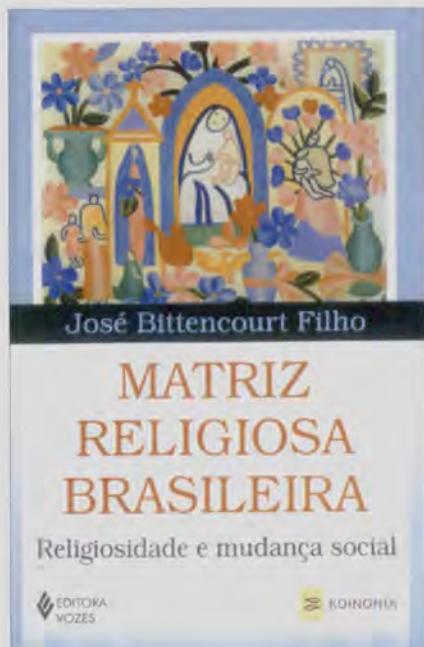
Taís Neves

Verena Alberti

Matriz religiosa brasileira

Nesta obra nos deparamos com uma tentativa, muito bem-sucedida, de oferecer uma interpretação global das íntimas relações entre os fenômenos religiosos e a dinâmica histórica da formação da sociedade brasileira. E isto sem concessões a simplismos mecanicistas e conclusões apressadas, procurando destacar a marca das contradições e das pluralidades que conformam o imaginário cultural brasileiro.

Zwinglio Dias



MATRIZ RELIGIOSA BRASILEIRA
Reliosidade e mudança social

Editora Vozes/KOINONIA
Petrópolis, 2003
260 páginas

Revista bimestral de KOINONIA
Setembro/outubro de 2003
Ano 25 nº 331

**KOINONIA Presença Ecumênica
e Serviço**

Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel (21) 2224-6713 Fax (21) 2221-3016
koinonia@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br

CONSELHO EDITORIAL

Emir Sader
Francisco Catão
Gilberto Barbosa Salgado
Joel Rufino
Luís Henrique Dreher
Maria Emilia Lisboa Pacheco
Maria Luiza Rückert
Sérgio Marcus Pinto Lopes
Yara Nogueira Monteiro
CONSELHO CONSULTIVO
Carlos Rodrigues Brandão
Ivone Gebara
Jether Pereira Ramalho
Jurandir Freire Costa
Leonardo Boff
Luiz Eduardo Wanderley
Rubem Alves

EDITOR

Zwinglio M. Dias
(conforme convênio de 6/12/2002 com
a Universidade Federal de Juiz de Fora)

**EDITORA ASSISTENTE
E JORNALISTA RESPONSÁVEL**

Helena Costa
Mtb 18619

ORGANIZADORA DESTE NÚMERO
Helena Costa

EDITORA DE ARTE E DIAGRAMADORA
Anita Slade

COPIDESQUE E REVISÃO
Carlos Cunha

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Mara Lúcia Martins

CAPA

Ilustração de Endrigo Pinotti, Universidade
de Caxias do Sul, 1º lugar cartum,
11º Salão Universitário de Humor 2003

PRODUÇÃO GRÁFICA
Roberto Dalmaso

FOTOLITOS

GR3

IMPRESSÃO

Reproarte

Os artigos assinados não traduzem
necessariamente a opinião da Revista.

Preço do exemplar avulso
R\$ 3,50

Assinatura anual
R\$ 21,00

Assinatura de apoio
R\$ 28,00

Assinatura/exterior
US\$ 50,00

ISSN 0103-569X

Todas as ilustrações deste número foram
premiadas, em diferentes anos, no Salão
Universitário de Humor de Piracicaba/
Unimep. Agradecemos ao professor Camilo
Riani, a Marília F. Russo e ao professor
Sérgio Marcus Pinto Lopes.

KOINONIA

Planejamento estratégico de KOINONIA

6

QUAL É A GRAÇA?

CARICATURAL

**...qual é a graça?! Uma breve pincelada
entre as peripécias do Humor Gráfico**

8

Camilo Riani

QUEDA-CÔMICA

**Notas sobre a história do pensamento
sobre o riso**

13

Verena Alberti

HUM(AI)OR

Ria, se puder, com um barulho desses!

18

Paulo Botas

ETNORRISOS

Etnocrônica do botequim

23

Maria Helena Ferrari

PALHAÇOS

**O efeito do riso e do carinho
no processo de cura**

26

Taís Neves

GRAÇA-GRAÇA

Coisa rara

29

José Lima Jr.

TEOLOGIA

O riso é próprio do humano

31

Ivone Gebara

COMPANHEIROS

Os políticos que crêem no poder da alma

34

Leonardo Belderrain

DESDESALENTO

Um papa que não vê o amanhã

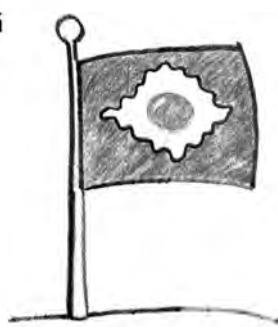
38

Eduardo Hoornaert

DIGNIDADE HUMANA E PAZ

Para superar a violência

41



Éden S. Pereti, Unicamp
1º lugar charge 8º Salão Universitário
de Humor 2000

Koinonia - Biblioteca
Cadastrado ()
Processado ()

KOINONIA é uma instituição ecumênica assim como ecumênica é a alegria, a paz, a construção, a liberdade e também a tristeza, o medo, a destruição, o esmagamento da vida. No conjunto dos servidores, KOINONIA tem representantes dos que crêem (católicos, protestantes e outros) acima de tudo, no Deus da Vida, da Justiça e da Paz, e ainda representantes de entidades ecumênicas e do movimento social. Pela solidariedade e pela dignidade; contra quaisquer expressões da exclusão e da submissão humana, KOINONIA (em grego, comunhão) afirma seu compromisso radical ecumônico e quer fazer-se sempre presença e serviço.

Biblioteca - Koinonia
(X) Cadastrado
(X) Processado

Há algumas décadas o presidente da França,

general Charles de Gaulle, depois de visitar nosso país proclamou, em alto e bom som; "O Brasil não é um país sério!" Infelizmente esta declaração foi muito mal recebida e, naturalmente, contestada. Perdemos, na ocasião, uma grande oportunidade para afirmar, perante o mundo, o caráter alternativo, dissonante e peculiar de nossa condição cultural. Sim, não somos sérios o suficiente como preconiza a hegemonia cultural ocidental. Sofremos demais para isso. Razão por que carnavalizamos tudo, como afirma Roberto Damatta, porque esta é a condição de nossa sobrevivência. Deveríamos ter homenageado de Gaulle pela descoberta do óbvio em relação à cultura brasileira. Somos sim, a "nova Roma" concebida por Darci Ribeiro, povo de riso fácil e dado à festa, porque difícil e cruel é a nossa vida.

Mas as razões do riso são mais profundas. Em suas multivariadas manifestações (o humor, a ironia, o escarnecimento, a ridicularização, o burlesco, o grotesco e a nossa brasileiríssima 'gozação', dentre outras) constituem um tema que passa a história da humanidade como um mistério, cuja fascinação jamais se esgota para os seres humanos. Aliás, já notava Aristóteles que o humano é o único animal que ri (animal ridens). Esta afirmação do Estagirita foi completada, contemporaneamente, com a observação do cronista Veríssimo de que o homem é o único animal que ri... dos outros! Daí que o riso, diz-nos o historiador francês G. Minois, em História do Riso e do Escárnio, "é um caso muito sério para ser deixado aos cômicos". É por isso que, desde Aristóteles, hordas de filósofos, de historiadores, de psicólogos, de sociólogos e de médicos, que não são nada bobos, encarregaram-se do assunto. As publicações sobre o riso contam-se aos milhares, o que nos dispensa de estabelecer uma bibliografia, porque ela seria ora ofensivamente seletiva, ora interminável.

Em 1938, o holandês Johan Huizinga, insatisfeito com as imagens convencionais do homo sapiens e do homo faber, que descreviam as determinações da espécie humana, nos afirma com seu esplêndido livro *Homo ludens* que o lúdico (brincar, jogar, rir) constitui para os humanos uma função tão essencial como a reflexão e o trabalho. Entretanto, no interior da civilização ocidental esta verdade não foi aceita. A partir do século IV, com a hegemonia estabelecida por uma certa concepção do cristianismo, o riso foi banido da convivência social como um exercício saudável e desejável da condição humana. A seriedade mal-humorada do Deus cristão, então inventado, não podia admitir a burla e a alegria de viver dos humanos, pois tais poderiam pôr em perigo a estrutura de poder estabelecida. Aliás, é precisamente disto que trata o romance *O Nome da Rosa* de Umberto Eco. Mas a Cristandade nunca foi unívoca. Se Huizinga proclama, em pleno século XX, a dimensão lúdica do ser humano, já no século XII, Tomás de Aquino veio a proclamar a dimensão lúdica de Deus, mesmo não sendo levado a sério. O seu é um Deus ludens! "O brincar é necessário para (uma) vida humana." (*Ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae*). Segundo L. Jean Lauand "para Tomás o brincar é coisa séria. Para ele é o próprio Logos, o Verbum, o Filho, a Inteligência Criadora de Deus, quem profere as palavras de Provérbios 8.30: "Eu estava junto dele, como artesão, eu estava desfrutando cada dia, brincando todo o tempo em sua presença, brincando com o orbe de sua terra, desfrutando com os homens."

Os colaboradores desta edição procuram, nas diversas situações e perspectivas sobre que refletem, tratar o mistério do riso, da graça e do humor de modo a nos oferecer uma nova perspectiva para a vida que nos liberte das amarras racionalistas e sem graça a que a modernidade nos aprisionou.

É isso aí.

CARTAS

Eu quero dizer para os senhores editores de TEMPO E PRESENÇA que eu sabia que em setembro encerraria minha assinatura. Ainda não efetuei este pagamento porque do mês de maio para cá eu nunca mais tinha recebido a revista. Então fiquei esperando o cupom para efetuar o pagamento de renovação.

Eu quero saber por que está existindo este problema de atraso da revista? Ou é culpa de vocês ou da agência dos correios? Gosto da revista de vocês já está com 13 anos que sou leitor desde o tempo do Cedi. Gosto muito e aprecio porque é uma revista conscientizadora em todos os níveis. Uma revista que nos leva à libertação e construindo o reino de Deus.

Josias Campos
Setor Ribeirão/RO

Amigo Josias, caros leitores e leitoras:

De fato, entre a edição 329 e a de número 330 houve um atraso muito grande. Problemas financeiros e operacionais graves dificultaram a confecção e distribuição da revista. Que remos nos desculpar com os leitores, em especial com os assinantes pelo ocorrido. Já estamos tomando provisões para que isto não se repita.

Agradecemos a confiança e a compreensão de todos.

Os editores

Conversando com pessoas que moram no meio da mata, pessoas urbanas, mas que dizem amar a natureza, não conseguem distinguir o malefício do eucalipto, e outras plantas. Essas pessoas até se fazem chamar de ecologistas. Então eu fico preocupada. Eu acho que uma grande divulgação, que chegue às bancas de maneira ruidosa, esclarecedora, com texto e fotos abrangentes para todas as camadas sociais, incluindo os intelectuais, profissionais como médicos e outros, quem sabe dava um resultado positivo. Me parece que encanta essa folhagem recheada do eucalipto. Eu gostaria de saber se posso comprar a revista nas bancas. Grata pela atenção. Forte abraço.

Babi Nogueira

Por e-mail

Venho respeitosamente pedir informações sobre a revista; uma vez que fui assinante e que hoje gostaria de renovar se possível assinatura da revista TEMPO E PRESENÇA. Uma revista que procura discutir os problemas do homem de hoje de uma relevância indiscutível ao levar ao conhecimento de todos o mundo dos povos oprimidos.

Sem mais para o momento, agradeço a vossa atenção.

João de Deus Sousa
Morrinhos/GO

Planejamento estratégico



*In memoriam de Richard Shaull
E pelo direito de saber, entre outros,
o destino de Paulo Wright.
Ivan Mota Dias e Heleni Guariba*

KOINONIA carrega consigo uma das mais caras tradições do relativamente recente ecumenismo latino-americano. Na segunda metade dos anos 1950 do século passado, chegou ao Brasil a mensagem de um cristianismo ecumônico que ao buscar a unidade dos cristãos se engajava também nas lutas por justiça e paz. Richard Shaull foi o nosso grande inspirador e mestre. Sua mensagem impactou toda uma geração de protestantes brasileiros que, através do Setor de Responsabilidade Social da então Confederação Evangélica do Brasil, acabaram em nome do Evangelho por se incorporar à luta das reformas de base do início dos anos 1960.



Com o golpe militar de 1964 a Confederação foi ao mesmo tempo objeto e sujeito de dura repressão policial que acabou por atingir duramente e desmantelar o Setor de Responsabilidade Social. Mas a violência política dos ‘gorilas’ não foi suficiente para arrefecer o compromisso ecumônico daquela geração. Da clandestinidade surgiu o boletim CEI, sigla do Centro Evangélico de Informação, que não existia nem no papel.

Os mesmos ventos renovadores do Espírito que sopraram sobre aquela geração de protestantes também sopraram nos arraiais católicos e o mesmo compromisso ecumônico que por décadas havia empolgado muitos protestantes acabou por encontrar guarida na agência católica. No Brasil dos anos de chumbo, militantes protestantes e católicos se reconheceram ecumenicamente nas trincheiras da luta contra o regime militar. Era o Evangelho encarnado dia-a-dia no enfrentamento arriscado da ditadura na defesa dos direitos humanos e pela construção de uma sociedade democrática, livre e justa. E não estavam só. Lá estavam também homens e mulheres de boa-vontade que sem confessarem a fé cristã lutavam pelos mesmos objetivos e compromissos democráticos. E cristãos e não-cristãos se reconheceram irmãos na mesma dor e na mesma esperança.



Foi assim que o CEI virou Centro Ecumônico de Informação. E da prática ecumônica cotidiana pela justiça e pela paz de homens e mulheres, protestantes, católicos, cristãos e não cristãos, na opção evangélica comprometida com os pobres, em favelas, periferias, fábricas e escolas, no campo e nas cidades, aqui e em muitas partes da América Latina, surgiu uma nova teologia – a teologia da libertação – prefigurada na Conferência Mundial

de Igreja e Sociedade, do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, em 1966, e na Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam), em Medellín, em 1968, e assumida logo depois nas obras de Rubem Alves e Gustavo Gutierrez.

Na prática ecumônica do CEI, nutrida pelo testemunho das comunidades eclesiais de base e pela reflexão da teologia da libertação, na luta constante pelos direitos humanos e pela democracia foram se ampliando o espaço e o compromisso com o ecumenismo, a educação popular, e as lutas do operariado, dos trabalhadores do campo e dos povos indígenas. Foi esta prática ecumônica que levou o CEI em 1974 a sair da clandestinidade e se transformar em Centro Ecumônico de Documentação e Informação (Cedi).



Em 1994, após duas décadas de trabalho amplamente reconhecido pelas igrejas, pelos movimentos sociais, por amplos setores da sociedade civil, no País e no exterior, o Cedi não respondendo mais adequadamente às exigências de uma realidade brutal e violenta determinada pela imposição do pensamento único imposto pela globalização e o neoliberalismo, se mostrou demasiadamente pesado e burocrático, refletindo de certa maneira a própria crise do movimento ecumônico, e portanto sem mais razão para existir, KOINONIA se

de KOINONIA

fez herdeira dos mesmos compromissos e objetivos de presença ecumênica e serviço que animaram a geração desafiada por Richard Shaull no final dos anos de 1950.

À extraordinária herança ecumênica voltada para a unidade dos cristãos e a colaboração com setores da sociedade que lutam também pela paz, justiça e preservação da natureza, KOINONIA ao longo da década tem acrescentado o diálogo fraterno entre as religiões, dimensão que tinha estado quase ausente de nossa prática ecumênica nos vinte anos do Cedi. Esta tríplice dimensão do ecumenismo se constitui no maior valor do testemunho e serviço de KOINONIA.



Passados quase dez anos de organização, avaliando a caminhada ecumênica nesse tempo, reconhecendo nossos avanços e carências, KOINONIA na assembleia geral realizada em agosto deste ano aprovou seu planejamento estratégico para os próximos seis anos de atividade. Fieis à visão que nos tem animado ao longo de mais de quarenta anos de compromisso ecumônico, em meio a uma ambígua conjuntura nacional em que se busca de novo reconstruir a esperança do povo brasileiro, reafirmamos nossa vocação diaconal pois nos compreendemos como uma entidade ecumênica de serviço, composta por pessoas de diferentes tradi-

ções religiosas, cuja missão é mobilizar a solidariedade ecumênica e prestar serviços a grupos histórica e culturalmente vulneráveis e aqueles em processo de emancipação social e política.

No exercício de nossa missão institucional reconhecemos que na atual conjuntura a derrocada gradativa do *pensamento único* abre caminho para a centralidade da construção de um novo mundo, cuja palavra-chave é a *participação*. Para a superação das barreiras que dividem os seres humanos, mais do que nunca, cremos que é exigido dos filhos de Deus o exercício da criatividade e da solidariedade. O aumento da participação e da emancipação das comunidades humanas é a força dos fracos, que surpreende os poderosos, porquanto não consta dos seus planos.

KOINONIA, acima de tudo, no esforço de tornar concreta sua missão a partir da ‘força dos fracos’, discerne nos negros, nas comunidades religiosas afro-brasileiras, nas mulheres, nas pessoas que vivem e convivem com HIV/AIDS, nas vítimas do narcotráfico, e nas comunidades religiosas, pessoas e grupos com e entre os quais opta por praticar a plena solidariedade ecumênica.



Desde sua fundação, KOINONIA tem buscado lançar um olhar sobre a realidade, segundo uma perspectiva teo-

lógica, que é a matriz de pensamento que orienta as suas ações. Assim, com base em princípios teológicos, KOINONIA reafirma a “liberdade dos filhos de Deus” expressa no princípio protestante, que vem a ser o inspirador das ações políticas que afirmam a autonomia diante de quaisquer modalidades históricas de poder humano absoluto, ou seja, a negação de todas as formas de idolatria. Assim, cremos que o Espírito é quem sustenta nossa comunidade ecumênica, e que a impele a lutar contra todas as expressões de preconceito e autoritarismo. Por essas razões, consideramos que ao elaborar o planejamento estratégico de KOINONIA para os próximos seis anos temos enfrentado o desafio constante de analisar cuidadosamente os panoramas estrutural e conjuntural, assumindo os resultados dessa análise como referencial de nossa práxis.

Para tanto, clamamos “*Christe Eleison!*” – “Cristo, tem piedade de nós!”

■

...qual é a graça?!

Uma breve pincelada entre as peripécias do Humor Gráfico

Camilo Riani



Flávio Rossi, PUC Campinas
caricatura de Camilo Riani

Se "o universo do humor tem sido estudado... seduzindo desde filósofos até psicanalistas... e artistas-produtores-pesquisadores-fuçadores", entre os quais ficamos, quem sabe, lendo um especialista em 'tratados semânticos', – caricaturas, charges, cartuns. Afinal, mais uma vez Horácio: *Ridentem dicere verum quid vetat?* "Que é que poderia impedir dizer-se a verdade rindo?"

Não há nada melhor para entender nossas paixões do que relembrar 'márias', 'dúvidas cruéis' e 'descobertas reveladoras' vividas na infância.

Uma delas me faz rir até hoje, imaginando que o leitor também tenha saboreado consequências semelhantes àquelas por mim vividas, que resultavam de uma curiosa 'trombada semântica'... Para um repertório infantil, a dúvida podia ser experimentada sempre que algum adulto (daqueles mais tradicionais) perguntava, elegantemente: "Qual sua *graça*?"

Pronto! Estava lançada a desafiadora e profunda questão... Horas e horas a fio, navegando na mais ingênua reflexão. Como assim, "qual sua *graça*"??? Imediatamente, palhaços, piadas e gargalhadas povoavam minha mente em busca de uma explicação lógica para tal pergunta, sobretudo quando disparada por algum ilustre senhor, daqueles que encontramos até hoje pelas cidades do interior.

Qual não foi minha mais profunda deceção quando foi-me revelado o sentido morno, sem sal e corriqueiro da pergunta... "Meu *nome*? Que jeito mais bobo de perguntar algo tão simples..." reclamei, indignado, tendo que recolher meus mapas e roteiros de investigação que estava prestes a utilizar, para percorrer o saboroso mundo do humor.

Hoje, passados mais de trinta anos, escuto nos inúmeros debates e salões

de humor pelo Brasil afora outras 'graças', estas sim, mais divertidas e instigantes que aquela do respeitado senhor de outrora. Entre os diversos júris dos quais participamos a cada ano, todos, sem exceção, trazem calorosos debates. É importante destacar, neste contexto, que dois dos mais importantes eventos do gênero em todo o mundo são realizados anualmente no Brasil, mais precisamente na cidade de Piracicaba, no interior de São Paulo: o Salão Internacional de Humor e o Salão Universitário Latino-Americano de Humor /Unimep. A riqueza dos acervos dos dois eventos tem possibilitado uma ampla leitura sobre as mais marcantes características deste singular recurso artístico/comunicacional, reafirmando o humor como um universo profundamente sedutor, repleto de força, cheio de portas e janelas pouco conhecidas pela maioria de nós, comuns mortais.

Entre as apaixonadas discussões em torno do tema, algumas costumam perseguir jurados, pesquisadores e artistas: afinal, do que rimos quando realizamos a leitura de uma caricatura, uma charge, um cartum, ou uma HQ humorística? Há recursos de linguagem ou estruturas narrativas que se apresentam como possíveis estratégias do humorista? São curiosidades como estas, somadas à atuação como cartunista e professor universitário, que têm me levado, ao lado de outros

tantos pesquisadores, por uma divertida e intrincada busca de pontos em comum entre estruturas de obras 'ditas' humorísticas.

Mas, para começo de conversa, faz-se necessário lembrar que o universo do humor tem sido estudado e discutido pelos mais distintos campos, seduzindo desde filósofos até psicanalistas, passando por lingüistas, sociólogos, publicitários e 'artistas-produtores-pesquisadores-fuçadores' (aliás, é o meu caso).

Desde os tempos de Aristóteles, que cunhou a célebre afirmação de que "o Homem é o único animal que ri", o humor tem se firmado como um dos temas que mais desperta a atenção de pensadores e pesquisadores, em diversos períodos da História. É nesse cenário que se inscreve a ampliação do conhecimento sobre esse curioso e popular recurso de linguagem, estruturado nas mais diversas possibilidades, entre as quais encontramos o Humor Gráfico.

Conceitualmente, podemos considerar o Humor Gráfico como uma linguagem especial: linguagem por trazer elementos comuns às outras linguagens conhecidas no contexto da comunicação; especial por trazer traços próprios e artísticos, como, por exemplo, a presença de imagens, distorções, rupturas discursivas, entre outras características. O grande mestre Ziraldo, no prefácio do livro *Tá rindo do quê?* que lançamos em 2002, defende o termo *caricatura* para designar o campo geral do Humor Gráfico. Contudo, nos eventos oficiais da área realizados em todo o Brasil, acabou-se por adotar termos específicos para cada tipo de estrutura narrativa, entre os distintos grupos de obras gráficas de conteúdo humorístico.

Inicialmente, é possível afirmar que o Humor Gráfico está baseado no

uso da imagem, de modo intencionalmente estilizado e cômico. É na elaboração de imagens, muitas vezes combinadas com o texto, que a linguagem deste segmento do humor se constitui, embora o 'peso' artístico do componente visual seja distinto em cada obra. Entretanto, o que se estabelece é que, sem o componente visual, não se pode falar em Humor Gráfico.

Em nossa pesquisa na pós-graduação (ambiente no qual pouca gente consegue ver 'graça') pudemos constatar certa dose de 'trombadas semânticas', em alguns aspectos parecidas com aquela experimentada em nossa longínqua (nem tanto assim!) infância. Mas isto renderia outras reflexões... Contudo, para que se possa discutir o campo do Humor Gráfico, sobretudo a partir do modo como ele se desenvolve no cenário brasileiro, é oportuno que se estabeleçam alguns conceitos básicos e amplamente aceitos. Deste modo, podemos entender a *charge* como sendo o desenho humorístico sobre um fato real ocorrido recentemente em política, economia, sociedade, esportes, etc. Caracteriza-se pelo aspecto temporal (atual) e crítico. Já o *cartum* é, geralmente, identificado como um desenho humorístico sem relação necessária com qualquer fato real ocorrido ou personagem específico/real. Privilegia, geralmente, a crítica de costumes, satirizando comportamentos, valores e o cotidiano. Você se lembra daqueles divertidos desenhos sobre naufragos na ilha? Pois são clássicos do segmento do cartum. A *caricatura*, freqüentemente associada ao campo geral do Humor Gráfico, pode ser caracterizada como o tipo de desenho humorístico que prioriza a distorção anatômica, geralmente com ênfase no rosto e/ou em partes marcantes/diferenciadas do corpo do retratado, revelando também seus traços de

personalidade. Por último, uma categoria muito popular em todo o mundo, especialmente em nosso país, é aquela identificada como *História em quadrinhos* (ou *HQ*), que pode ser descrita como sendo uma história desenhada/desenvolvida em distintas etapas/quadrinhos seqüenciais, com roteiro e trama. Nesta última categoria, excepcionalmente, cabe a observação de que *nem todos* os trabalhos são obrigatoriamente de *conteúdo humorístico*, sendo amplamente conhecidas as *HQs* com temáticas pautadas no terror, na ficção científica, no erotismo, entre outros tantos.

"Ufa", diria o leitor, após tantos nomes, termos, categorias e compartimentos... O fato é que obras humorísticas como a *charge*, por exemplo, são das primeiras atrações a serem procuradas quando se abre um jornal. Quem de nós já passou por uma página, onde se encontrava aquela sátira visual maravilhosa, e conseguiu 'pular' a leitura? Pode-se até deixar de ler um editorial, a coluna deste ou daquele articulista, ou um texto da página em questão. Mas... qual leitor deixa de 'conferir' uma *charge*, ainda que rapidamente, quando se depara com ela? É por este motivo, entre outros, que a imprensa tem dado espaço destacado a este tipo de trabalho, o mesmo não ocorrendo, necessariamente, com as demais categorias do segmento em nosso país. Mas, independentemente dos 'investimentos' dos jornais em todas as formas de apresentação do Humor Gráfico, podemos perceber, nitidamente, que esse recurso artístico/comunicacional apresenta-se como um dos mais aceitos e apreciados pelas mais distintas classes sociais, diferentemente do que ocorre com outras formas de arte. Basta lembrarmos dos inúmeros estilos musicais, entre os quais aqueles que são amplamente

admirados por determinadas classes, ao mesmo tempo em que são rejeitados, veementemente, por outras. O mesmo ocorre com as artes plásticas, literárias, cênicas, etc... Porém, se pensarmos numa *charge*, ou numa caricatura, notaremos uma curiosa ‘apreciação’, tanto por parte do humilde funcionário, como do rico empresário, passando por intelectuais, artistas e donas de casa, evidentemente que de maneiras próprias, a partir de cada referencial. Mas dificilmente se ouvirá de alguém, diante de uma obra de Humor Gráfico, algo como: “Não gosto desse tipo de arte...”

Quais estratégias tornam esse recurso de linguagem tão atraente, resultando freqüentemente no riso do observador? É justamente isso que buscamos identificar em algumas de nossas incursões pelos textos de antigos teóricos e mestres, em profundo diálogo com obras premiadas nos famosos e consagrados Salões de Humor de Piracicaba.

Entre as mais freqüentes características narrativas presentes nos trabalhos premiados nestes eventos, em curiosa sintonia com as teorias de antigos estudiosos russos como Bakhtin e Propp, encontramos o *exagero*, traduzido no aumento desproporcional e intencional das formas, fatos e atitudes. Tal “distorção” é utilizada como estratégia discursiva, possibilitando dar ênfase ao que se deseja dizer, ao mesmo tempo em que insere o tom humorístico, vital para a caracterização desse segmento. Essas distorções, com inúmeras possibilidades e graus, permitem evidenciar aspectos específicos e marcantes daquilo que a obra ‘retrata’, atingindo o leitor com rapidez e maior impacto que algumas outras formas de artes visuais.

Subverter a ordem autoritária, esconder ‘verdades’ escondidas, des-



Paulo Barbosa, Universidade Federal de Minas Gerais
Prêmio Cidadania Unimep, 11º Salão Universitário de Humor 2003

Para começo de conversa, faz-se necessário lembrar que o universo do humor tem sido estudado e discutido pelos mais distintos campos, seduzindo desde filósofos até psicanalistas, passando por lingüistas, sociólogos, publicitários e ‘artistas-produtores-pesquisadores-fuçadores’

mistificar o poder e a força, são alguns dos objetivos da aplicação dos exageros na obra de Humor Gráfico. A própria origem de termos relativos à área, como caricatura (do italiano *caricare* = carregar) e *charge* (do francês, carga), diz respeito diretamente a essa característica do exagero.

Assim, ao artista desse segmento é dado o ‘direito’, instituído e legitima-

do culturalmente, de exagerar, carregar, ampliar o ‘defeito’, a fim de explicitar contradições e intenções veladas, imprimindo um caráter interpretativo/opinativo à história. Porém, o “defeito” não deve ser apenas e tão-somente ‘refletido’ pelo humorista gráfico. Deve, primordialmente, ser ‘refratado’, ou seja, deve trazer a leitura do artista, considerando-se a ‘interpretação’ que o autor pretende oferecer, através do exagero. É preciso lembrar que nenhuma forma de linguagem apenas ‘reflete’ a realidade, como se fosse um espelho perfeito; ela sempre traz interpretações e conotações das mais variadas. Porém, em algumas linguagens especiais, sobretudo no Humor Gráfico, a distorção interpretativa e intencional, surge de modo mais explícito e assumido, ‘refratarindo’ as verdades, os fatos, explicitando-os estrategicamente.

Em sua essência, o Humor Gráfico é o ‘espelho’ dos defeitos, porém um espelho como aqueles distorcidos, que

encontramos em parques de diversões: 'refletem' mas, sobretudo, 'refratam'. Assim, ao olharmos os defeitos *disfarçados* pelas distorções e exageros, rimos. No entanto, se os defeitos fossem refletidos pura e exatamente como são, talvez não riríamos de sua representação.

Parece, desse modo, ser necessária a distorção para enxergarmos o defeito e dele podermos rir..., afinal, é o nosso encontro com nossas possíveis falhas. Talvez seja esse um dos primeiros passos necessários para procurar a mudança: *enxergar sem barreiras* o erro, o defeito, o equívoco... nosso, e dos outros!

Outra marcante característica, apontada por distintos estudiosos e fartamente encontrada nos acervos dos salões, é o aspecto do *ridículo* presente nas obras analisadas. Embora possa parecer, num primeiro momento, que a questão do "ridículo" esteja contida na discussão sobre o *exagero*, é necessário ressaltar que tal correlação não se dá de maneira tão visceral e direta, uma vez que nem todo exagero resulta no ridículo, e nem todo ridículo resulta de um exagero.

Convém lembrar, também, que o Homem ri, freqüentemente, do ridículo acidental, casual, não intencional, como 'tropeções' e quedas em público. Portanto, não poderíamos dizer que é apenas a linguagem estruturada, elaborada intencionalmente com o componente 'ridículo', que leva o homem ao riso. Porém, ao utilizar este recurso, o humorista tende a 'encurtar' caminhos entre a obra e o riso, entre a mensagem e o público, entre a leitura e a resposta. Tente lembrar, agora, de algum fato em que o ridículo estivesse presente, e que não suscitasse o riso ou, pelo menos, a vontade de manifestá-lo. Se o fato lembrado não resultou no riso, provavelmente despertou

indignação, ira, ou outro sentimento momentâneo. Dificilmente o ridículo deixa de tornar o fato gritante: ele, certamente, gerará alguma marcante reação..., assim como o humor, em especial, o Humor Gráfico.

Além destas características, talvez uma das mais destacadas estratégias narrativas/discursivas do humor seja a *ruptura*, a cena inesperada, a quebra da lógica na estruturação do discurso, especialmente a que ocorre ao final de grande parte das obras humorísticas. Considerada por diversos estudiosos como crucial e indispensável para o sucesso da obra de humor, esta estratégia é utilizada nas mais distintas manifestações cômicas. A quebra/inversão narrativa pode estar presente tanto em cenas acidentais (como os tropeços citados, que rompem a lógica linear de uma seqüência de passos), bem como em cenas intencionais, como, por exemplo, as protagonizadas pelos palhaços. Podemos notar, claramente, que quando o observador conclui antecipadamente o final *lógico* de uma narrativa, e este se confirma, o riso não se manifesta. Mas se, como nas boas piadas/anedotas, o final 'quebra' a lógica narrativa, é possível conduzir o receptor a gargalhadas memoráveis.

Neste sentido, o humor pode ser caracterizado pela construção do discurso de modo que seja 'implodido', em determinado momento. Propp aponta que esse 'deslocamento' abrupto no discurso, característico da linguagem do Humor Gráfico, "ocorre de modo inesperado, mas ao mesmo tempo é preparado, ainda que muito imperceptivelmente. Na consciência verifica-se uma espécie de salto". É, portanto, na construção do 'caminho' do discurso, preparando o receptor que será impactado pelo 'salto', que se consolida uma das mais importantes

O Humor Gráfico é o 'espelho' dos defeitos, como aqueles, que encontramos em parques de diversões: 'refletem' mas, sobretudo, 'refratam'.

Assim, ao olharmos os defeitos *disfarçados* pelas distorções e exageros, rimos. No entanto, se os defeitos fossem refletidos pura e exatamente como são, talvez não riríamos de sua representação

habilidades discursivas do humorista gráfico, especialmente aquele que se dedica a obras estruturadas em mais de um quadro.

A 'inversão' voluntária na elaboração do discurso, apresenta-se também em outra estratégia muito comum da linguagem humorística: a *ambigüidade/duplo sentido*. Esta, quando usada involuntariamente, pode causar grandes confusões. Mas, se colocada intencionalmente, com a habilidade de poucos, pode gerar uma explosão de riso! Aquilo que muitas vezes pode ser considerado uma falha de linguagem adquire no Humor Gráfico, e no humor como um campo geral, *status* de estratégia discursiva. É justamente na utilização da ambigüidade e do duplo sentido que muitas vezes se dá a força de uma obra humorística.

Mas não se iluda! Muitas outras características, intensas por diversas vezes, povoam o universo do Humor Gráfico, transformando este recurso de linguagem num imenso e fertilíssimo campo de idéias, algumas geniais e históricas. Sem pestanejar, poderíamos listar uma longa seqüência de outras

A existência da caricatura é anterior, mesmo, à do homem, já que Deus, "para castigar a rebeldia de Lúcifer, fez dele o Diabo, isto é, a caricatura do anjo: asas de morcego, nariz de águia, chifres de touro (...)" . Parece haver, assim, por parte de alguns autores, a percepção de que a correlação entre o humor e o diabo tem se dado com o passar dos tempos

oposição a isto, indagar: não existiria alguma forma de 'crítica' embutida em *toda e qualquer* obra humorística? Mesmo aquelas que buscam apenas o riso circense, não estariam colocando algum fato ou personagem em situação 'risível'? Mesmo se pensarmos nas 'inofensivas' e vistosas caricaturas fisionômicas. Não seriam elas, constantemente, apontadas para políticos, artistas, atletas e 'famosos' em geral? Fama/poder... isto lembra alguma coisa?... Não estaria, desse modo, relativizado sempre o poder de alguém, mesmo que do próprio personagem?

Neste aspecto combativo, desafiador, e até certo ponto debochado da obra humorística encontramos, curiosamente, a referência ao *diabo* como personagem simbólico do humor, citado por alguns autores. Um dos diversos fatos curiosos desta relação se revela no nome do primeiro jornal ilustrado com históricas sátiras visuais/gráficas na história de São Paulo: o *Diabo Coxo*, de Angelo Agostini, lançado em 1864.

Outra curiosa correlação, neste sentido, foi apontada pelo pensador russo Vladimir Propp, em um de seus importantes estudos sobre a linguagem do humor. Propp questionou, de forma brilhante, "se é impossível imaginar Cristo rindo, é muito fácil, ao contrário, imaginar o *diabo* rindo". Também Bakhtin, outro destacado estudioso da linguagem, lembra a célebre afirmação de Jean-Paul de que "o diabo (na sua acepção romântica, claro) teria sido o maior dentre os humoristas". Indo mais longe ainda, Herman Lima propõe a curiosa constatação de que a existência da caricatura é anterior, mesmo, à do homem, já que Deus, "para castigar a rebeldia de Lúcifer, fez dele o *Diabo*, isto é, a caricatura do anjo: asas de morcego, nariz de águia, chifres de touro (...) o diabo foi,

pois, a primeira caricatura". Parece haver, assim, por parte de alguns autores, a percepção de que a correlação entre o humor e o diabo tem se dado com o passar dos tempos, conforme observado nos distintos exemplos citados. Esta correlação parece resultar, contudo, de uma concepção reducionista do cômico, possivelmente pela forma com que o riso era interpretado em épocas passadas. Parece-nos, porém, que atualmente tal correlação entre o diabo e o cômico não encontra mais eco entre aqueles que se dedicam à pesquisa nesta área, indicando, contudo, um interessante tema para um futuro estudo mais ampliado sobre esse curioso aspecto da história do humor.

Após esta breve "viagem" ao amplo universo das teorias em torno da estruturação do Humor Gráfico, nos parece ser claro que a *linguagem visual*, o *exagero*, o *ridículo* e a *ruptura discursiva* estão entre as características mais marcantes e freqüentes em obras do gênero, compondo um grupo de estratégias fundamentais para o sucesso da mensagem. Finalmente, é importante destacar que essas estratégias nem sempre se apresentam conjuntamente, numa mesma obra, embora seja comum encontrarmos casos em que várias delas estejam reunidas num único trabalho.

Mas... pensando bem, a esta altura de nossa conversa, o leitor pode estar se perguntando: "Sei, sei,... e daí? Qual é a *graça* deste texto???" E eu, antes de ter que responder a esta questão, poderia escapar da enroscada dizendo: "Já estamos chegando ao fim, *graças* a Deus!" Ópa, alguém disse: *graças* a Deus? Sim, *graças*... mas, aí, já é outra conversa... ☐

Camil Riani, professor da Universidade Metodista de Piracicaba (Faculdade de Comunicação) e Faculdades Claretianas e presidente do Salão Universitário de Humor da Unimep.

Notas sobre a história do pensamento sobre o riso

Verena Alberti

Diente do texto, o leitor-editor percebeu que as palavras da Autora seriam as melhores para despertar outros leitores. Trata-se de uma piada referida por Cícero: "Diz-se freqüentemente de um escravo honesto que não há, na casa, nada fechado ou lacrado para ele. Essa mesma expressão foi usada uma vez por um contemporâneo a respeito de um escravo que o roubava: 'É o único, na casa, para quem não há nada lacrado nem fechado'". A frase grave se aplica ao que é grave, e a risível, ao que é risível. Por que, então, rimos?

O trabalho com história é sempre mais interessante quando partimos de uma questão no presente, um problema atual, algo que marca a relevância, para nós, daquilo que está sendo estudado. Na história do pensamento sobre o riso, chama a atenção a valorização atual do riso na filosofia, nas ciências humanas e até no senso comum. Todos parecemos partilhar a opinião de que o riso tem capacidade de nos levar a uma compreensão mais completa do mundo, trazendo à tona as múltiplas perspectivas da realidade.

Na filosofia, muitos autores atribuem ao riso um valor estratégico, diante da falência do pensamento sério. Friedrich Nietzsche, no final do século XIX, Georges Bataille e Joachim Ritter, ao longo do século XX, por exemplo, declararam a necessidade imperiosa de o filósofo "colocar o boné do bufão", como diz Ritter, para se instalar no único lugar de onde ainda pode apreender a essência do mundo. Segundo Nietzsche, a gargalhada é necessária para sairmos da verdade séria, da crença na razão. Conforme Bataille, o riso leva para mais longe do que o pensamento, porque rimos daquilo que não pode ser atingido pelo conhecimento e que, portanto, suplanta os limites da razão. Também sublinhando que o riso extrapola o pensamento sério, Freud (1905) afirma, que rimos do jogo de palavras porque ele dispensa a relação de sentido entre as palavras e as coisas. E Schopenhauer,

ainda em meados do século XIX, atribui o riso ao prazer que sentimos ao ver a razão fracassar em sua tentativa de apreender o real.

Ou seja, de forma simplificada, poderíamos dizer que o humorista é hoje quase o mesmo que filósofo, porque o riso se transformou em valor para o pensamento e ascendeu à condição de conceito filosófico. Ele se tornou um lugar-chave no esforço de alcançar o impensável, abarcando uma realidade mais essencial do que a limitada pelo sério.

Nos estudos realizados no campo das ciências sociais, observa-se a recorrência do caráter transgressor do riso. Trata-se, na maioria das vezes, de uma transgressão socialmente consentida: ao riso e ao risível seria reservado o direito de transgredir a ordem social e cultural, mas somente dentro de certos limites.

Na antropologia, por exemplo, alguns estudos salientam que o espaço de consentimento do riso é culturalmente marcado, quase como se ele tivesse uma função social. O riso e o cômico aparecem, digamos como fatos sociais, revelando que, em cada sociedade, haveria um espaço para sua expressão – espaço que coincidiria com aquele onde é permitido experimentar a transgressão da ordem estabelecida.

Por um lado, a ligação do riso com o espaço da desordem tem como consequência o fato de a transgressão

tornar-se, ela também, uma norma. As relações jocosas analisadas por Marcel Mauss, por exemplo, exprimem, segundo o autor, a necessidade de relaxar ante as restrições da vida cotidiana. Por outro, observa-se que o posicionamento do riso ao lado da desordem confere-lhe um valor de liberdade, de purgação quase, em relação às coerções sociais. De acordo com a interpretação de Pierre Clastres, no artigo "De que riem os índios?", por exemplo, os Chulupi do Chaco paraguaios ridicularizam, no nível dos mitos, aquilo que é proibido ridicularizar "no nível do real". No mesmo sentido, os velhos suiás estudados por Anthony Seeger servem-se, segundo o autor, de temas ao mesmo tempo importantes e conflituosos de sua sociedade, e jogam com as ambigüidades e os tabus, tornando-se engraçados.

Esse potencial regenerador e às vezes subversivo do riso e do risível é um lugar-comum presente em quase todos os estudos. Contudo – e aí está o interesse de uma pesquisa histórica sobre o assunto – convém ter claro que nem sempre o riso ocupou esse lugar privilegiado na história do pensamento. É interessante saber quando ele começou a desempenhar esse papel e como ele era visto antes disso – lembrando que, em história, a "ruptura" nunca é o abandono total do que havia antes, e sim a possibilidade de emergência do novo, que muitas vezes passa a coexistir com o 'velho'.

O trabalho do historiador, já se disse, assemelha-se a um trabalho de detetive. Trabalhamos com fontes, que são nossas pistas do passado. No estudo da história do pensamento sobre o riso, o ideal é trabalhar com os textos originais dos autores que escreveram sobre o assunto. Desse modo, podemos descobrir formas diferentes de explicar o riso, tradições teóricas já

**De forma simplificada,
poderíamos dizer que o
humorista é hoje quase o
mesmo que filósofo,
porque o riso se
transformou em valor para
o pensamento e ascendeu à
condição de conceito
filosófico. Ele se tornou um
lugar-chave no esforço de
alcançar o impensável,
abarcando uma realidade
mais essencial do que a
limitada pelo sério**

esquecidas, e também identificar *semelhanças* entre explicações antigas e atuais. Quando se lêem fontes secundárias (livros que dizem o que outros autores escreveram), corre-se o risco de repetir idéias cristalizadas muitas vezes duvidosas. Vejamos, então, algumas das 'descobertas' que podem ser feitas na história das teorias do riso e do risível.

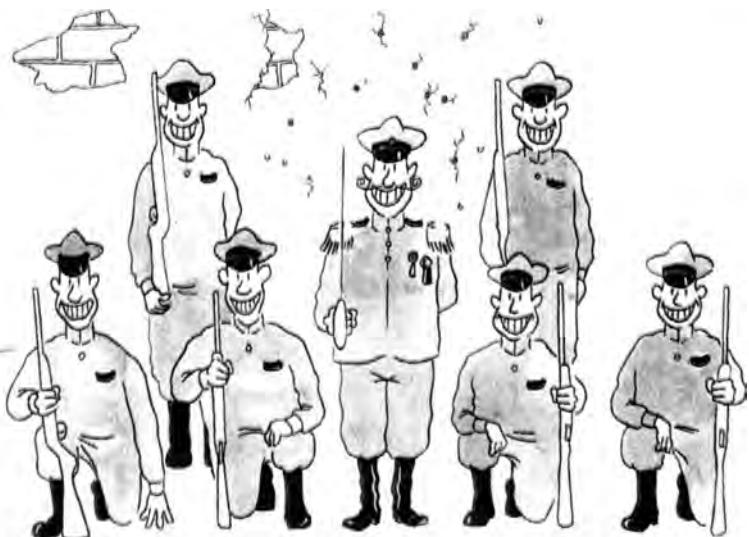
Desde a Antiguidade o homem tem procurado compreender o riso. Entretanto, já nessa época verificam-se diferenças de abordagem.

Platão, por exemplo, condena o riso do ponto de vista ético, no que será seguido por uma série de teóricos da teologia medieval e por pensadores como Thomas Hobbes e moralistas clássicos. Para ele, o riso é um falso prazer, um prazer impuro, porque misturado à dor. Resulta da satisfação maliciosa que experimentamos diante daqueles que não se conhecem a si mesmos (que se acham mais sábios, mais belos, mais fortes do que são na verdade). Vale observar, aliás, que a vaidade é recorrentemente apontada como o defeito risível por excelência,

ao longo da história do pensamento sobre o riso. É o que afirma, por exemplo, Henri Bergson, em seu conhecido *Ensaio sobre o riso*, um dos textos mais freqüentemente citados nos estudos contemporâneos sobre o assunto. O fato de o riso resultar de uma mistura de prazer e dor significa, segundo Platão, que ele nos afasta do verdadeiro prazer, que consiste em alcançar a verdade e o bem. Além disso, a comédia, como a poesia em geral, está afastada três graus da verdade; ela imita o que já é uma imagem das Idéias, iludindo-nos com a aparência, e, mais uma vez, afastando-nos do conhecimento. Ou seja, em Platão é possível perceber que a condenação ética do riso é dada pela distância entre o riso e a verdade do saber filosófico – um quadro bastante diverso do de hoje, no qual, como vimos, longe de nos afastar, o riso nos aproxima da verdade que a razão séria não alcança.

Além da abordagem ética, outra preocupação recorrente desde a Antiguidade é a busca da solução para o enigma do riso: o que, exatamente, faz rir? De que e por que rimos? Uma das esferas nas quais se pensava essa questão era a da produção de obras, da *poiesis*. Nesse contexto, a pergunta era: se, na tragédia, o horror e a piedade provocam lágrimas e arrepios nos espectadores, formando a catarse trágica, o que será que, no caso da comédia, provoca o riso?

Aristóteles dedicou-se ao assunto em *Poética*, da qual, no entanto, perdeu-se uma parte substancial, presumivelmente aquela em que ele se teria voltado mais especificamente para a comédia. Esse é, aliás, o tema do conhecido romance de Umberto Eco, *O nome da rosa*: o texto proibido aos monges e cujas páginas foram embalados de veneno por Jorge, o guardião cego da biblioteca do mosteiro, era



Endrigo Z. Pinotti, Universidade de Caxias do Sul/RS
1º lugar cartum 9º Salão Universitário de Humor 2001

justamente a parte II da *Poética*. Nas páginas que nos restaram, contudo, podemos encontrar uma definição do cômico: é um defeito, ou uma deformidade, que não causa dor nem destruição; ou seja, um defeito inofensivo, sem maiores consequências, do qual se pode rir. Percebe-se que tal definição acaba não sendo de grande ajuda para responder à pergunta sobre o que provoca o riso, porque o cômico é definido por oposição ao trágico: ele é o *não* trágico, algo que *não* provoca dor nem destruição e que, portanto, *não* pode causar lágrimas e arrepios. Ainda assim, a definição do cômico de Aristóteles se tornou uma das

fórmulas mais cristalizadas na história do pensamento sobre o riso, sendo adotada, com variações, até pelo menos o início do século XX.

Muitos irão repetir que o objeto do riso é um defeito inofensivo. O médico francês Laurent Joubert, que em 1579 publicou um interessantíssimo *Tratado do riso*, toma a definição de Aristóteles como pressuposto para explicar por que rimos quando vemos um “membro viril” de um homem aparecendo sob a calça descosturada (é um defeito que *não* causa dano), enquanto não rimos e temos pena ao ver o mesmo membro sendo cortado (nesse caso, há dor e destruição).

Ainda que não possamos descobrir muito sobre o que era, para Aristóteles, a comédia, fica claro que entre sua concepção e a de Platão havia diferenças importantes. Para Aristóteles, a *poiesis* (a poética, ciência da produção de obras) tem um caráter filosófico, dado pelo fato de ela mostrar o que pode acontecer na ordem do necessário e do verossímil, e não o que aconteceu realmente. Esse caráter filosófico é demonstrado, segundo ele, pela comédia, cujos personagens também são da ordem do verossímil, portando nomes quaisquer, ao contrário dos personagens das tragédias, cujos nomes designam uma única pessoa. Assim, enquanto para Platão a comédia, como as demais artes da poética, é uma imitação distante três graus da verdade, para Aristóteles, ela é a prova de que a poética tem um caráter filosófico. Sem citar Aristóteles, Bergson dirá que a comédia é a única de todas as artes que visa ao geral, fato que seria demonstrado pelo próprio título das peças: o Misanthropo, o Avaro, o Jogador, o Distraído. (Aliás, podemos tomar o ensaio de Bergson como um exemplo de como é necessário fazer um trabalho de ‘detetive’ para descobrir ‘emprestados’, influências e tradições que ficaram esquecidas na história do pensamento sobre o riso. Quem não tem conhecimento do que foi produzido anteriormente, pode tomar as idéias de Bergson como originais, pois não há menção, no texto, a escritos anteriores.)

Ainda na Antigüidade, podemos encontrar uma tentativa interessante de responder à incógnita do riso. Trata-se da teoria de Quintiliano, retórico romano que conseguiu se afastar da tautologia que dizia que rimos daquilo que *não* nos faz chorar nem ter arrepios. Cícero (50 a.C.) e Quintiliano (90 d.C.) escreveram teorias bastante completas sobre o riso e o risível, que

em geral foram esquecidas, em seus tratados de retórica, procurando ensinar a jovens oradores o uso do risível no discurso. Segundo eles, seria útil lançar mão algumas vezes de recursos que provocam o riso, para despertar atenção dos ouvintes e do juiz, cuidando sempre para não ridicularizar pessoas queridas do público, exagerar na dose etc. Nesse contexto, tentar desvendar a incógnita do riso era importante para poder ensinar os jovens a empregar e a identificar o risível no seu discurso.

Cícero deu um primeiro passo, ao discutir uma piada em seu tratado. Ela: *Diz-se freqüentemente de um escravo honesto que não há, na casa, nada fechado ou lacrado para ele. Essa mesma expressão foi usada uma vez por um contemporâneo a respeito de um escravo que o roubava: "É o único, na casa, para quem não há nada lacrado nem fechado."* O que intriga Cícero é que, neste caso, o enunciado é o mesmo ("É o único para quem não há nada lacrado nem fechado") e, no entanto, a aplicação faz rir. É interessante observar, ao longo da história do pensamento sobre o riso, como a pergunta "O que faz rir?" muitas vezes requer uma resposta bastante concreta: qual a matéria risível que me diz que, num caso, devo rir, e, no outro, não devo rir? Durante algum tempo, dividiu-se o objeto do riso em 'palavras' e 'ações', entre o que é dito e o que é feito – incluindo aí as ações de teatro, as ações em cena. O médico Joubert, por exemplo, examina todo um circuito do riso: o objeto risível entra no nosso corpo pelos olhos ou ouvidos, passa rapidamente pelo senso comum, é mandado ao coração, que logo se agita provocando as contrações musculares e os ruídos característicos do riso. A questão é saber qual a qualidade dessa matéria que penetra em



Luis Carlos Ulrich, faculdades Claretianas de Rio Claro/SP, 1º lugar caricatura (Olívio Dutra) 10º Salão Universitário de Humor 2002

nossos olhos e ouvidos e provoca tamanha convulsão. Voltando a Cícero e à sua piada sobre o escravo desonesto, ele se pergunta o que há, no uso do ditado, que faz rir, na segunda aplicação. Seguindo o rastro de Aristóteles, contudo, dá mais uma vez uma explicação tautológica: a frase é literalmente a mesma, mas a diferença entre a aplicação grave e a risível é que a grave se aplica a coisas honestas e sérias, enquanto que a risível se aplica ao que é baixo e torpe. Ou seja: a grave se aplica ao que é grave, e a risível, ao que é risível!

Quintiliano vai mais longe. Para ele, a diferença entre o emprego sério e o emprego engracado das mesmas palavras está na simulação evidente, no fingimento explícito. Não se trata apenas de simulação; é necessário que ela seja evidente aos espectadores, que eles saibam que aquilo não é para ser tomado a sério. Se eu falo algo absurdo porque as palavras me escapam por imprudência, diz Quintiliano, isso será uma asneira. Mas se eu falo a mesma coisa por fingimento, ela será elegante. No caso da piada selecionada por Cícero, estou aplicando a frase geralmente usada para elogiar um escravo

honesto de forma impostada, fingida, sabendo que estou lidando com, pelo menos, duas possibilidades, e os meus interlocutores têm de saber disso também, para rir. É como se fôssemos cúmplices de um mesmo pano de fundo; como se eu falasse dando uma piscadela.

Essa, aliás, é uma das condições destacadas por diversos autores para o advento do riso: é necessário entender do que se trata. Aristóteles diz isso explicitamente: em um jogo de palavras, é preciso deixar claros os dois sentidos da palavra, o ordinário e o que resulta de mudança. Joubert, com sua concretude, observa: se você não entende a língua ou não está prestando atenção, ou ainda se o risível é falado em voz muito baixa, então ele não pode penetrar seus sentidos. Em muitos textos do século XVIII é recorrente a idéia de que não podemos estar com o espírito alhures.

Recentemente, um professor de neurolingüística, norte-americano, Robert Provine, publicou um livro que resultou de um estudo em que foram observados casos que levavam a rir. Segundo ele, em 80% das situações, o riso não teve relação com piadas ou ações cômicas, mas se seguiu a frases como "muito prazer", "já sei disso" etc. O estudo teve boa repercussão na mídia, como se se tratasse de uma novidade na matéria. Entretanto, é interessante observar que, na história do pensamento sobre o riso, Cícero, Quintiliano e outros já haviam verificado que uma mesma assertiva pode ser aplicada em contexto grave e em contexto risível. É possível que os risos gerados de frases como "muito prazer", analisados por Provine, tenham resultado da evidente simulação de que já falava Quintiliano. Aliás, também desde a Antiguidade há autores que discutem causas do riso que

não são necessariamente ligadas ao cômico – o riso das cócegas, o riso provocado por uma ferida do diafragma, pela picada de uma aranha específica ou por determinada erva.

Outra explicação recorrente para a incógnita “o que faz rir?” é a surpresa, ou quebra de expectativa. Rimos quando esperamos uma coisa e acontece outra. Cícero, Quintiliano e Joubert já falavam disso. Hobbes também atribui à surpresa um importante fator na definição do riso: enquanto a alegria resulta em orgulho, diz ele, o riso é o orgulho súbito, provocado pela alegria súbita (essa especificidade da teoria de Hobbes, contudo, não é geralmente percebida pelos autores que a ela se referem). Spencer e Darwin também atribuem à surpresa um bom potencial de explicação do riso. Segundo eles, rimos quando a energia que armazenamos em uma atividade não tem mais aplicação depois que a expectativa foi quebrada e, portanto, é descarregada em contrações musculares. Hoje em dia, quando se vêem reportagens sobre o riso, o fator surpresa é largamente explorado como causa do fenômeno.

O mesmo acontece com a relação entre o riso e a saúde. O uso do riso como auxiliar no tratamento de doenças (como fazem os palhaços “doutores da alegria”, por exemplo) muitas vezes é apresentado como novidade. Novamente, trata-se de tema antigo, que remonta a práticas medicinais da Antigüidade e foi bastante debatido pelo médico Laurent Joubert. Para ele, as pessoas que costumavam rir eram saudáveis, tinham boa digestão, limpavam o sangue etc., enquanto os tristes ou tomados de melancolia morriam cedo e eram secos.

Ainda que essa relação entre riso e saúde revelasse um valor positivo, isso não queria dizer que, nesse contexto e

É interessante saber quando o riso começou a desempenhar esse papel e como ele era visto antes disso – lembrando que, em história, a “ruptura” nunca é o abandono total do que havia antes, e sim a possibilidade de emergência do novo, que muitas vezes passa a coexistir com o ‘velho’

nesse momento, o riso fosse capaz, como é hoje em dia, de nos levar a uma verdade maior do que aquela alcançada pela razão. O riso nos tempos de Quintiliano ou de Joubert não permitia alargar o conhecimento. Na verdade, seu objeto era uma bobagem, que não nos engrandecia e da qual só rímos porque nos relaxávamos entre tarefas sérias e dignas. A verdade era alcançada pelo pensamento sério e grave.

Há várias dimensões na história do pensamento sobre o riso. Pensar o riso sempre foi pensar o homem (porque o riso lhe era próprio e isso o distinguia de Deus e dos animais). Sempre foi também pensar as especificidades humanas, porque ora ele era definido como manifestação da parte irracional ou passional da alma humana, ora sua especificidade vinha do nosso lado racional. Finalmente, pensar o riso também foi pensar as faculdades humanas: o que é o ser humano, como pensa, como age? As formas de pensar o riso variaram ao longo da história, porque as formas de pensar o ser humano variaram bastante.

Podemos perceber essas mudanças conhecendo diferentes interpretações

da queda cômica, que também indicam diferentes possibilidades de resposta para a incógnita “o que faz rir”. É interessante observar como o pensamento sobre o riso passa de concreto para indefinido. Para Joubert, rimos quando alguém bem vestido cai na rua enlameada porque é indecente se portar como um bêbado (é um defeito que não causa dor nem destruição). Em textos do século XVIII, o riso provocado pela queda cômica resulta do contraste entre baixeza e dignidade. Já segundo Georges Bataille, em meados do século XX, rimos porque passamos de um mundo estável a um mundo escoregadio, reconhecendo o caráter enganador da estabilidade. Ou seja: a queda não faz rir enquanto defeito, mas sim porque, enquanto desvio da ordem e do sério, nos revela o “outro lado” do ser, o caráter enganador do sério.

Podemos localizar essa ruptura na história do pensamento sobre o riso em meados do século XIX. É claro que nem todos os autores serão adeptos dessa nova visão do riso, mas alguns já anunciam aquilo que se tornará voz corrente a partir da segunda metade do século XX. Jean Paul Richter, em 1804, e Schopenhauer, quarenta anos depois, dirão: rimos do não entendimento infinito, da incongruência entre o pensado e o concreto. O riso agora não é mais o da deformidade, ou do defeito que não causa dor nem destruição – isso seria a reafirmação da ordem. Rimos agora do desconhecido, da surpresa, daquilo que subverte as concepções estáveis do mundo. O que faz rir é a verdade do não-sério. ■

Verena Alberti, pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas e autora de *O riso e o risível na história do pensamento* (Rio de Janeiro, Jorge Zahar & Editora FGV, 1999, 2^a edição 2002).

Ria, se puder, com um barulho desses!

Paulo Botas

*Spectatum admissi risum
teneatis, amici? (Horácio).*
Não há por que escrever abertura para este texto. Basta citar a que Horácio descreve na Arte Poética.
"Quisesse algum pintor juntar um pescoço de cavalo a uma cabeça humana e ajuntar penas, recolhendo daqui e dali os membros do corpo de tal forma que resultasse uma mulher de busto formoso com a outra metade de um peixe negro e se vocês fossem admitidos a contemplar a obra, amigos, conseguiram segurar o riso?"

Experimentem lendo

Quem ri por último, ri atrasado.

(Millor)

RISO INICIANTE

O primeiro riso na Bíblia acontece numa estória cômica. Abraão tinha cem anos e Sara já alcançara os noventa anos. Deus lhes fala que devem fazer um filho. Sara rindo responde a Deus: *Murcha, como estou, poderia eu ainda gozar? E meu senhor é tão velho!*" Deus se irrita e impõe o nome do filho que vão gerar: Isaque, que significa *Deus ri*.

Deus apresenta a sua obra-prima, desbancando a pose do homem e da mulher: *Olha quanta força em suas ancas, que vigor nos músculos de seu ventre. Enrijece a cauda como um cedro, entretecidos sob as coxas os tendões. Seus ossos são tubos de bronze, ferro forjado são seus flancos. Ele é a obra-prima de Deus.* (Jó 40, 16-19). E o bicho é o rinoceronte.

RISO PRIMEIRO

O papa Gregório Magno, ao redor do ano 600, escreve que há dois tipos de riso legítimo: aquele que zomba dos maus como Deus o fez, e aquele que se alegra com o bem. Ele conta que gargalhou durante uma missa quando teve uma visão hilariante: um demônio estava escrevendo sobre um pergaminho a lista de pecados do clero. A lista crescia cada vez mais e ele tinha que desenrolar o pergaminho com os dentes porque suas mãos estavam ocupadas. Os pecados eram tantos que,

não tendo como escrevê-los, o demônio desiste e bate a cabeça contra a parede.

RISO SEGUNDO

Para fazer passar a quaresma, foi preciso a Igreja aceitar o Carnaval. Em 1091, o Concílio de Benevento instaura a solenidade da Quarta-Feira de Cinzas para fixar um limite às orgias carnavalescas que repercutiam em toda a quaresma.

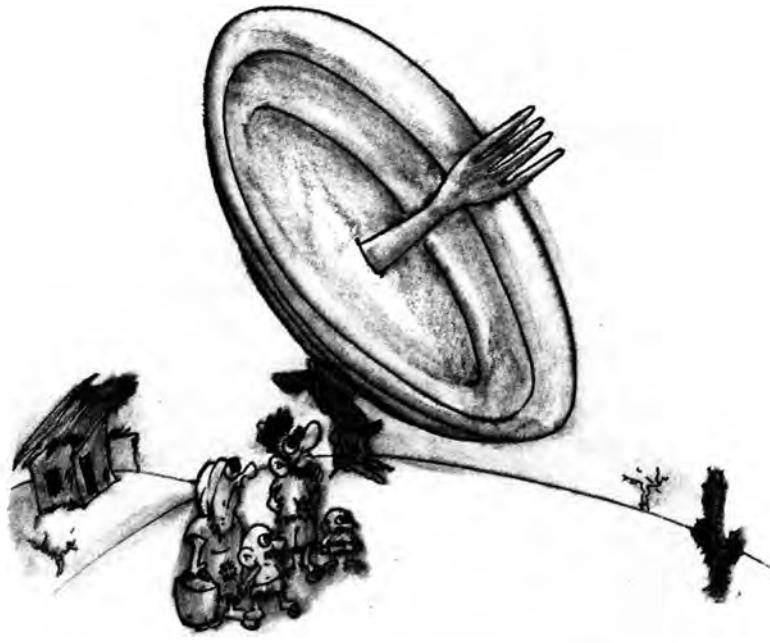
Na Idade Média, desde o início do século XII, na festa do primeiro domingo da quaresma, na presença do papa, matava-se um urso, um touro e um galo. Uma matança simbólica do diabo, do orgulho e da luxúria, que permitiria que se vivesse casto e sóbrio até a páscoa.

Na tradição católica, o riso é sinônimo de leviandade e orgulho.

A intelectualização progressiva da fé elimina aos poucos a expressão corporal nas liturgias. Com a dicotomia corpo/espírito, o corpo e seus movimentos serão vistos como um instrumento do diabo e a dança, a sua mais perfeita manifestação: entorpecimento e luxúria.

RISO TERCEIRO

Santa Hildegarda de Bingen, a mística (1098-1179), no seu Tratado *Causae et curae* comparava o homem que ria a uma bexiga que se esvazia ou ao jato de um falo que ejacula às sacudidelas. Ela, boa conhecedora da fisiologia humana, detalhava a sua



L.VERONEZI

Luciano Veronezi, Unimep
2º lugar charge 11º Salão Universitário de Humor 2003

comparação: "O corpo é sacudido pelo riso como pelos movimentos da cópula e, no momento do maior prazer, o riso faz jorrar lágrimas como o falo faz sair o esperma". Ou ainda: "o riso é como o flato: é um vento que, das medulas, percorre o fígado, o baço, as entrepernas e que provoca sons incoerentes, semelhantes a balidos."

RISO ÚNICO

O riso exorciza o medo. O Cristo Resuscitado sempre aconselhava: "Não tenhais medo" e "Alegrai-vos". A ressurreição nada mais é do que uma grande risada de Deus ao vencer a Morte, o último inimigo.

RISO CONTÍNUO

As igrejas que se sucederam também foram vítimas deste riso da História. Bastaria uma viagem nos *modelitos* das vestimentas religiosas. Ou ainda, a trama humorística tecida pelas decisões conciliares, sinodais e papais proclamadas com toda a pompa e circunstância, anunciando anátemas aos seus opositores e que, no decorrer da história da Igreja, foram abandonadas e contestadas por outras decisões igualmente sérias.

Como escreve o dominicano Duquoc: "Chamo de humor essas mudanças sucessivas dos responsáveis católicos, dizendo venerar a tradição".

Existe maior humor do que na condenação da contracepção feita pelo magistério católico ainda que saiba que a multidão de fiéis fará exatamente o contrário?

E o que dizer da reabilitação de Lutero, o arqui-herético, condenado à danação por toda a eternidade, excomungado e demonizado? Depois de Roma ter desencadeado, durante séculos, guerras fratricidas de religião contra os seguidores dele, não é risível proclamar, no final do século XX, que o irmão Martinho, era afinal um bom cristão e um piedoso monge agostiniano?

RISO QUARTO

Basta ligar a televisão ou estarmos atentos à enxurrada de propaganda visual e auditiva que assola e invade o que ainda restou da privacidade dos 'nossos lares'. Ali está ele, onipresente, onisciente e onipotente: o *mercado*. Como um dogma soteriológico preconiza, infalível: "Fora do mercado, não há salvação!"

Pesquisas mostram, as eternas pesquisas, que as crianças estão sofrendo de *stress* porque estão superatarefadas: escola de manhã, aulas de computação logo após o almoço, inglês às 15 horas, lutas marciais das 16 horas em diante, natação às 18 horas, aulas de reforço após o *fast food* das 19 horas e navegar pela internet até as 23 horas, antes de dormir. Mas, os pais estão angustiados, pois falta tempo para as aulas de violão ou bateria e ainda

tentam encaixar algumas aulinhas de futebol...

Nunca se sabe se dentro deste peito infantil não bate o coração de um futuro craque que poderá ganhar muito dinheiro, fama e sucesso.

RISO QUINTO

Nossa juventude iludida pela estratégia do mercado está fadada a vivenciar o amor como uma troca fugaz de sensações ocasionais: *o ficar!*

Uma das propagandas da *Coca Cola* na televisão anima, excita e incita esta nova ordem moral e afetiva. Um belo e jovem casal de *ficantes* está sentado, a sós, à beira de um mar qualquer em qualquer lugar e se despedem com um inocente beijo. De repente, não mais que de repente, ela lhe pede a última gota da bebida para *ficar* com a latinha vazia. Na próxima cena ela surge, no seu quarto, sozinha, mas triunfante e deposita na sua prateleira, como um *troféu*, a mesma latinha vermelha igual a tantas outras da sua coleção de *ficantes*.

A latinha industrializada simboliza, para ela, a propriedade absoluta do outro como coisa ou mercadoria.

RISO SEXTO

Hoje, os jovens estão submetidos, pelo *marketing*, a olhar tão somente um para o outro e *sorver*, na circulação entediada dos afetos, o seu pavor de *ficarem sozinhos* e, por isso, *sofrerem*.

Peregrinam, da noite ao amanhecer, de bar em bar, de esquina em esquina, de *balada em balada*, na busca de quem lhes possa oferecer, ainda que ‘transitoriamente’, um pouco da companhia, do consolo e do carinho que os arranque do anonimato e os faça sentir objetos de desejo. Aprendem a se ‘oferecer’, como numa prateleira de supermercado, para serem ‘procureados e disputados pelo menor preço’,

Seus opositores querem minimizá-lo como um *Bufão da Corte*. Não sabem que o bufão da corte era o personagem mais importante do Reino. Ele fazia rir porque trazia consigo o que faltava aos reis: a verdade. Os reis eram excluídos da realidade por meio do *puxa-saquismo*, mentiras e intrigas dos *Baba-ovos* e *Piniqueiros* que os cercavam. O soberano, que na democracia é a vontade do povo, só conhece a verdade por meio do seu bufão/presidente. Sob a proteção do riso, ele pode se permitir tudo. Ele dá o espetáculo da alienação e adquire, a este preço, o ‘direito à palavra livre.’

pois na lógica declarada da oferta e da procura o credo do *marketing* reza que, para o público, ‘o melhor produto é aquele que é mais consumido...’

Este *amor ficante* acaba sempre como um arroto *cocacoliano*: libertados do inchaço gaseificante, seus corações vagam vazios até a próxima parada. Pouco importa para eles e para o seu mundo se “deus é dez” ou se o “uísque é trinta...”

RISO SÉTIMO

“Tenho pressa, tenho pressa!”, gritava atônito, sem saber para onde ir, aque-

le personagem do *País das Maravilhas*. Passou tão rápido, como as horas de um relógio, que nem lembro o nome dele...

RISO OITAVO

Estamos realizando a mística dos peregrinos do caminho de Compostela: *Tempus fugit, carpe diem!* O tempo foge, curte o dia!

Mas é na região do santuário de Compostela, com um clero fortemente conservador, que encontramos as expressões culturais-religiosas mais hilariantes do hibridismo sacro/profano.

Todo habitante da Galícia, das crianças aos idosos, ‘caga’ em tudo o tempo todo: *Me cago em Diós!*; *Me cago en la leche de la Virgen...*

E isto não significa para eles nenhuma profanação do sagrado.

RISO NONO

A morada do riso nas academias é a sala dos antropólogos. É a profissão do riso, por excelência. O choque permanente das culturas é uma fonte essencial de riso e, na maioria das vezes, o riso é o primeiro meio de comunicação entre o pesquisador e o pesquisado. Atualmente, nos territórios negros e nas nações indígenas encontramos sempre a *célula mater*: pai, mãe, filhos e... um antropólogo.

RISO DÉCIMO

Estamos condenados ao *riso*. E devemos rir para camuflar a perda do sentido da vida. E rir *globalizadamente*. Como quem tem medo do escuro e usa do riso para afastar o temor de ficar sozinho ou de levar uma bala perdida.

Como esgotou todas as certezas, o terceiro milênio já nasceu sob o estigma do novo pecado original: o Final da História anunciado por Fukuyama... Também com este nome de dupla rima

franco-brasileira, só rindo do pescoço pra cima.

Desmoronou o socialismo real, mas triunfou o capitalismo neoliberal. O mercado total desvelou o seu mistério e se apresenta como a melhor fórmula econômica. Tudo é objeto de comercialização. Tudo se rouba, se compra e se vende: pássaros, aranhas, folhas, cascas de árvore e até crianças, recém-nascidas, exportadas para viverem *melhor no estrangeiro*.

Devemos rir porque o mercado decretou que as utopias dos séculos passados foram *sonhos ideológicos* e um *romantismo revolucionário carente de base*. Sonhos e utopias não produzem nada, muito menos dinheiro, portanto são absolutamente dispensáveis.

O mundo tem medo, mas não quer que lhe digam isto, e por isso tudo deve ser *light, cool, clean and soft*. É a tal da *transparência*. Exigimos *transparência* como uma norma ético-política sem nos darmos conta que também é risível esta transparência e que ela só serve para propósitos escusos.

Podemos roubar, corromper, cooptar, instrumentalizar, mentir, etc, tudo muito *transparentemente*. Afinal, o que é ‘transparente’ não é ‘visível’ e por isso é sempre feito dentro das normas da lei e aprovado pelos Tribunais de Contas.

O que é visível e sem nenhuma transparência são as guerras, os golpes, o narcotráfico, os fuzis, os mísseis e as granadas.

RISO DÉCIMO PRIMEIRO

A geração herdeira do *Paz e Amor* deve ficar alerta. A Universidade Estadual de Nova York concluiu que o esperma dos homens que fumam regularmente a *cannabis*, a vulgar maconha, perde força aumentando as chances de esterilidade. Quando estão ‘chapados’,



Flávio Rossi, PUC Campinas
1º lugar caricatura (Gilberto Gil)
8º Salão Universitário de Humor 2000

a sua movimentação se torna tão frenética que ficam exaustos antes de atingirem o óvulo.

RISO DÉCIMO SEGUNDO

O Brasil é o país do carnaval, bifeiro, malemolente, caloroso e... corrupto!

Já nasceu sob o signo do *jeitinho favoroso...*

Caminha, o Pero Vaz, já pedia ao Rei de Portugal um *favorzinho* para o seu genro: “E, pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que levo como em outra qualquer causa de Vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser por mim muito bem servida, a Ela peço que por me fazer singular mercê, mande vir da Ilha de São Tomé a Jorge Osório, meu genro – que d’Elas receberei em muita mercê”.

Estava inaugurado o *nepotismo* de além-mar...

Temos 503 anos de existência de muito riso e pouco siso. Nestes anos de República não estarfamos salvos se não fosse a capacidade do nosso povo de rir das atrocidades que foram cometidas contra ele.

RISO DÉCIMO TERCEIRO

Na Nova República, os presidentes se

sucederam ‘hilariantemente’. O primeiro eleito acabou morrendo antes mesmo de tomar posse e de, *credo-cruz*, ‘diverticulite’. Assumiu o vice, cujo nome é o sotaque de uma corrupção *inculturada* no Maranhão (Sir Ney). Em seguida, o Collorido foi para o espaço como um balão sem lastro e sem poupança, como ficou o povo brasileiro, por causa da ministra que acabou, depois de passar pelo Cabral, santo humor, casando com o Chico Anysio.

Finalmente, a Nova República encerrou o seu ciclo com oito anos de um presidente intelectual que para fazer o que fez, ordenou: “Esqueçam tudo o que escrevi!”.

Temos finalmente, um presidente popular com problemas de *acertar o boné*. Produzido pelo *marketing du-damendonciano* tem representado muito bem e seriamente; o seu *physique du rôle*: baixinho, atarracado, orelhas de abano tipo Dunga, cervejeiro, pagodeiro, futeboleiro e um machão nordestino que *embuxa na “primeira”*, oficial e sacramentada: “A coisa que eu mais queria na minha vida, quando casei com a minha gallega era um filho. Ela engravidou logo no primeiro dia de casamento, porque pernambucano não deixa por menos”.

A ‘seriedade’ da corte palaciana e dos seus ministros e a sua base de apoio cada vez mais fisiológica sofrem uma enxurrada de arrepios quando o humor presidencial se revela.

Um tipo *denorex-parece-mas-não-é!* Parece que toca violino, mas não toca; parece que sabe filmar, mas não sabe; parece o que quiser, mas não quer; parece tudo para não parecer nada.

Seus opositores querem minimizá-lo como um Bufão da Corte. Não sabem que o bufão da corte era o personagem mais importante do Reino. Ele fazia rir porque trazia consigo o que

faltava aos reis: a verdade. Os reis eram excluídos da realidade por meio do *puxa-saquismo*, mentiras e intrigas dos *Baba-ovos* e *Piniqueiros* que os cercavam.

O soberano, que na democracia é a vontade do povo, só conhece a verdade por meio do seu bufão/presidente. Sob a proteção do riso, ele pode se permitir tudo. Ele dá o espetáculo da alienação¹ e adquire, a este preço, o ‘direito à palavra livre’.

Antes do nosso ‘presidente-torneiro’, tivemos um outro que também era motivo de risos e trocas, um ‘presidente-cavaleiro’, mais do que cavaleiro. Ele preferia o cheiro de cavalo ao cheiro do povo. Ele, muito antes, declarava aos berros o seu voluntarismo de fazer do Brasil uma democracia e a quem fosse contra, ameaçava: “Eu prendo e arrebento!”.

Como era um homem de poucas palavras, este cavaleiro sintetizou o que anos mais tarde, o presidente dos bonés afirmaria, numa nova versão centralizadora, como um herói voluntarioso: *Não tem chuva, não tem geda, não tem terremoto, não tem cara feia, não tem Congresso Nacional, não tem Poder Judiciário; só Deus será capaz de impedir que a gente faça esse país ocupar o lugar de destaque que ele nunca deveria ter deixado de ocupar.*

E ele jura ter abandonado as *bravatas...*

Pois, chegou, presidente Lula, a sua vez e a sua hora de ser rico e famoso. “Não tem coisa pior do que ser pobre e famoso. Na próxima encarnação, queria ser rico e anônimo”. (Lula. *Veja*, 11/3/98).

RISOS INTERMEDIÁRIOS

Dom Pedro Casaldáliga, bispo da prelazia de São Felix do Araguaia, estava sendo inquirido, em 1977, pelo

deputado Siqueira Campos, atualmente o *Imperador do Tocantis*, na CPI da Terra, no Congresso Nacional. O deputado irado não admitia que ‘um estrangeiro’ falasse sobre a questão da terra no Brasil. Dom Pedro, firmemente, respondeu à Comissão: “Fui naturalizado pela malária”. Ele, até então, havia “pegado” oito malárias...

Os teóricos da Igreja Popular, nos idos 1980, escreveram após suas viagens à União Soviética, China, Polônia, Nicarágua e Cuba, cartas para os militantes das Comunidades Eclesiais de Base (Ceb's), deslumbrados com o *Reino-de-Deus-quase-realizado* nesses países. Logo em seguida, como um castelo de cartas, a União Soviética faliu, a China virou capitalista, a Polônia viu volatizar o Walesa e o sindicato Solidariedade, a Nicarágua, por eleição direta, se tornou Violeta sem os sandinistas e somente Cuba continuou, em nome da saúde e educação, mandando seus opositores serem fuzilados no *Paredón*. Teologia do mau agouro ou Pastoral do Pé Frio???

A Igreja Católica fez uma opção preferencial pelos pobres e os pobres fizeram uma opção preferencial pela Igreja Universal do Reino de Deus.

O projeto PPP – Parceria Público Privado – do governo federal pretende resolver as questões básicas de infra-estrutura para os mais pobres do Brasil. Estas alianças sempre serviram mais às Privadas do que aos Públicos. Atenção, cabalisticamente, esta parceria é do demônio. Aquele que “não é, mas finge ser” (Guimarães Rosa). Pelo avesso, PPP se converte em 666, o número da Besta!

RISO CONCLUINTE

E pra não dizer que não falei de mamichas e picanhas, escreve o Macaco Simão: *E o Lula tá falando em churrasquês: ‘Quero salvar o miolo da*

picanha da reforma’. E eu quero salvar o miolo do Lula. Ele tá sempre usando churrasco como metáfora. Aliás, com essa quebra-deira, churrasco virou metáfora mesmo! E a gente tá levando uma vida de lingüiça de churrasco: quando se livra do espeto, cai na brasa.

Em todo caso, caro companheiro e companheira, não fiquem emburrados nem enfezados. Não é politicamente correto. Emburrado vem de burro e enfezado significa “cheio de fezes”.

Para nós, livremente, cabe uma escolha. Ou ‘soltar a tanga’, como o Gabeira e descobrir também que sonhamos o sonho errado; ou ‘soltar a franga’ como o presidente Lula e, democraticamente, assumir que “Todo mundo tem o direito de ser contra, a favor ou muito pelo contrário”. Ou ainda berrar: “Mas, será a Benedita????”.

Ria, se puder, com um barulho desses!!!

Paulo Botas, doutor em Filosofia e integrante da equipe da KOINONIA.

Etnocrônica do botequim

Maria Helena Ferrari

Dois textos de duas semi-homônimas constituem uma dupla de 'apontadoras': a primeira aponta (quase resenha) para a segunda; ela fala sério numa revista decidida a visitar o humor; a outra, a apontada, nos aponta a todos nós refletidos/retratados em figuras que visitam botecos. É assim como a primeira a dizer: "Olhem é um aperitivo este texto". Nele, porém, os aperitivos somos nós, nossos hábitos, nossos gostos, nossos jeitos de viver;brincar

HUMOR, A FORMA SOCIAL CARIOWA

Mostrar que o humor é uma Forma Social, de natureza simbólica, situada entre o concreto de suas manifestações e o abstrato das tipologias aprisionadoras. Com este objetivo Maria Helena Ferrari elaborou a tese de doutoramento "O humor carioca como Forma Social", defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalho primoroso que revisa conceitos sobre humor, comédia, ironia, assim como questões referentes à teoria da comunicação. Apresenta uma reflexão inovadora sobre a cidade, num momento em que este tipo de análise ainda não possuía o prestígio de que goza hoje. Inova também por fugir dos estereótipos consagrados sobre a cidade e seus habitantes – ao mesmo tempo que os incorpora. Pois o conceito de forma social utilizado

por Ferrari vai além da piada, da galhofa, da malandragem, de certo tipo de humor folclórico; refere-se antes a um jeito de ser e estar no mundo: *A forma social carioca é dispersa e pontilhada, e essa conclusão baseia-se em dois aspectos principais: na multiplicidade de manifestações com caráter efêmero (músicas, crônicas, piadas etc) e no espalhamento dessas manifestações pelos mais variados locais da cidade.* Uma amostra grátil, aperitivo dessa forma social carioca pode ser saboreado no texto que se segue, parte da tese. Esta etnocrônica – por definição ambígua, flutuando entre os terrenos da antropologia e da comunicação –, pretende ser uma foto, um instantâneo desse jeito carioca de ser.

Helena Costa



Fernando Duarte Araújo Silva, Universidade Federal de Uberlândia/MG
1º lugar cartum 8º Salão Universitário de Humor 2000

A manhã de sábado, neste dia de maio, no Rio de Janeiro, não tem mais o calor do verão, mas ainda está bem quente. As filas dos ônibus estão cheias de pessoas em uniforme de praia: cangas, chapéus, cadeiras e pranchas de surfe.

Nosso rumo é outro, caminho do subúrbio – um ponto qualquer entre Ramos e Irajá, para onde nos guia o amigo Roger, que conhece todos os botechos festivos do Rio de Janeiro. Seu velho fusca, apinhado de gente, esperava nosso carro em frente à Estação da Leopoldina e temos agora certa dificuldade em segui-lo no animado ziguezague labiríntico de ruas desconhecidas. Saberemos, depois, achar o caminho de volta?

O botequim é pequeno – uns trinta metros quadrados no máximo – em parte ocupado por um balcão que separa o dono e seu ajudante do resto dos fregueses. Roger, carioca da Glória, é recebido por uma interminável e espalhafatosa série de abraços conhecidos. Somos apresentados como “os novos”, o que nos situa de imediato no primeiro ponto de uma seqüência de outras visitas e assegura nossa incorporação definitiva à categoria de freqüentadores assíduos. A primeira rodada de cerveja abre os trabalhos e o dono do bar insiste na prova do “melhor petisco de Irajá” – um guisado de miúdos de galinha – desculpando-se pela falta de variedade: a cozinheira estava doente.

O ambiente já é bastante movimentado àquela hora (chegamos cedo, não

passa do meio-dia), mas ainda há uma beirada numa das poucas mesinhas; em outra, um casal de mulatos, meia idade, ambos muito gordos, refestelara-se à frente de um prato que nos oferecem, sorridentes. O botequim parece um armazém antigo, seu espaço livre é mínimo: as pessoas ficam mesmo é de pé, conversando e batucando ao som que vem da calçada, onde, no intervalo entre as duas portas, improvisou-se um aparelho de som – duas caixas ligadas a um violão que sacode sambas populares.

Em volta, acumulam-se pessoas com os mais variados instrumentos de percussão, fora as que iam passando e resolveram ficar. Há também os que circulam, param um pouco, dão uma sambadinha e depois vão embora; e ainda os que voltam, depois de entregarem em casa alguma compra que os levara à rua. O grupo mais aumenta que diminui e, por volta de uma hora da tarde, quando o sol começa a bater em cheio na calçada, transferem o equipamento para o interior, já razoavelmente cheio, numa acomodação de espaço que eu julgaria impossível se não tivesse visto.

É nesse momento que chegam os verdadeiros músicos, moradores locais, mas que têm penetração no meio artístico: o sete-cordas Waltinho e seu amigo Zé da Velha, trombonista conhecido nas noites cariocas das gafieiras e bares, participante na instrumentação de inúmeros discos e shows de astros famosos, de ontem e

hoje, como Jacob do Bandolim, Elizabeth Cardoso, Beth Carvalho e muitos outros. Zé da Velha é um piauiense alto, corpulento, mas elegante, – veste bermuda e camisa de linho impecáveis – e seus cabelos lisos, escuros, rigorosamente fixados com brilhantina, combinam com um bigodinho soridente; não apresenta o longo tempo de dedicação à música popular brasileira. Waltinho é um mulato risonho e agitado. Estrábico, grisalho e baixinho, mais forte do que gordo, recebe de entrada inúmeras gozações, que ele devolve e estimula alegremente.

Os dois dão início, então, a uma infinável sucessão de músicas e brincadeiras, que se estendem pela tarde e seguem noite a dentro.

Um casal de meia idade, apaixonadíssimo, se beija de vez em quando, o que gera comentários de simpática admiração: "são essas coisas que fazem o sujeito reviver".

Em dado momento, levanta-se o casal de mulatos gordos, que acompanhava na mesa a batucada. Quando penso que vão sair, iniciam um bailado que parece impossível naquele espaço apinhado. Dançam uma gafieira perfeita, acolhida com entusiasmo por músicos e espectadores.

A animação aumenta cada vez mais e o trombone de Zé da Velha tem dificuldade para esticar-se em meio àquela gente que se comprime entre risos e cantos. Toca-se de tudo, do fox ao baião, do chorinho à canção romântica, passando pelo samba-enredo. Até

o roque, abrasileirado e suburbanado, arranca aplausos e gargalhadas pelo seu tom paródico inequívoco. Mas o que empolga, sem dúvida, é o samba ritmado, às vezes triste de Cartola e Nélson Cavaquinho, sempre lírico de Paulinho da Viola, batucado e moderno de Gonzaguinha ou malandro, mafioso e partideiro de Martinho da Vila.

As brincadeiras e a alegria se revelam nos olhares entre os músicos, cada vez que um improviso de Zé da Velha vem surpreender o violão de Waltinho. Este responde com uma seqüência inacreditável de baixarias, que se encerra invariavelmente com as gargalhadas de todos.

Quando a noite cai, o boteco ainda fervilha, mas já há novos freqüentadores, banho tomado, roupa festiva – o programa vai longe. O dono do bar, ainda animado, sorri de satisfação. Um senhor grisalho pega o microfone e ataca a *Volta do boêmio*. Para nós é hora de ir embora, esgotados e felizes, mas certos de que, quantas vezes retornarmos, seremos recebidos do mesmo modo.

No botequim carioca de subúrbio, chegar significa, com igual pertinência, tanto entrar como sair.

Maria Helena Ferrari, doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ.

O efeito do riso e do carinho

Taís Neves

Para curar doentes há os que se vestem de médicos, de enfermeiras, de clérigos; são uniformes de serviço os jalecos, os colarinhos; mas há os que se humilham, se tornam insignificantes, assumem a forma de carentes, se vestem de palha – os palhaços.

A partir do nada conversam, ouvem 'causos', sorriem e brincam. Sorrindo e brincando, em sua vestimenta 'de palha', ajudam a curar

*Cantar (e rir!) seja lá como for.
E se a dor for mais grande no peito
Cantar (e rir!) bem mais forte
que a dor!*

(Domínio popular)

O ser humano percorre toda a sua existência buscando a felicidade. Seu comportamento e atitudes, na sua mais sincera explicação, têm pelo menos um argumento voltado para o sonho de uma vida feliz, salvo os casos patológicos quando a intenção é comprometida por um desequilíbrio psíquico.

A busca da felicidade funciona como estímulo para a vida, ou seja, querer ser feliz é a mola propulsora para que se tente todos os dias vencer. Porém, o corre-corre e as preocupações do cotidiano fazem com que a pessoa entre em um círculo vicioso e, por viver em uma sociedade consumista onde ser feliz muitas vezes é sinônimo de ter, a cobrança e a exigência diária geram cansaço e estresse.

É no centro dessa roda viva que está o *corpo*, velho companheiro, quase um desconhecido, fiel cumpridor de todos os desejos abertos ou ocultos. Este melhor amigo quer constantemente nos alertar dos excessos, emitindo sinais que, se não respeitados podem gerar o mais indesejável de todos os fenômenos existenciais: a *doença*.

Inimiga cruel, barreira súbita dos planos, desveladora da fragilidade humana, a doença traz consigo a idéia de finitude. Antes dela, tudo é possível e a vida parece ser infinita. Com ela, vem para o consciente a idéia da *morte* e o inevitável medo da própria morte.

Segundo a psicossomática, "o corpo não adoce sozinho". O processo de adoecer é também um processo de entristecer: os planos adoecem o sorriso, o ânimo, a alegria. A doença e a sua companheira, a tristeza, passam a contagiar até mesmo o ambiente e as pessoas ao redor, as paredes ficam tristes, as pessoas cisudas, o alimento perde o sabor e as conversas não ultrapassam a barreira do sério.

O existentialismo de Heidegger diz que a essência do ser humano é pura e ela é o único lugar onde a plenitude da existência permanece intacta, mesmo enfrentando as mais graves patologias. Isso significa que na essência está a beleza, a alegria, a esperança e o sentido da vida que apenas se encontram escondidos atrás das sombras da dor.

Para os que estão adoecidos, seja por doenças de 'elite' (cardíacas, renais, do sistema imunológico, cerebrais) ou por outras consideradas de 'segundo escalão', o desejo é alcançar *cura* e consequentemente fugir da morte. Porém, essas pessoas guardam desejos ocultos que precisam ser

no processo de cura

compreendidos; entre eles está a necessidade de atenção, de carinho e amor que, na maioria das vezes, superam o desejo pela cura, que em muitos casos é impossível de ser alcançada. A cura, nestes casos significa *felicidade*, e leva o nome de *cura essencial*.

O processo de cura exige recursos, como medicamentos, procedimentos e tecnologia. Porém, essencialmente a cura se inicia quando se consegue aliviar a dor e assim poder ir ao encontro da essência da pessoa e deixar que a alegria e a esperança possam agir, aliadas a todos os outros recursos.

Um grande avanço para o bem-estar das pessoas doentes, sobretudo as internadas em hospitais, clínicas e casas de recuperação, é a proposta de humanização do atendimento, hoje defendida tanto na esfera governamental quanto na independente. Esta proposta vem como um basta a todo e qualquer tipo de atuação que seja contrária aos direitos humanos, sobretudo no que tange a dignidade e o respeito. Olhar a pessoa doente como um indivíduo, considerar a sua dor e tratá-lo com dignidade são as grandes metas de todo projeto humanizado.

Quais os mecanismos que têm o poder de despertar a alegria em meio à dor? Que recurso é tão poderoso a ponto de funcionar como alívio dos impulsos e ainda trazer para o doente



Santiago Cornejo, Universidade de Buenos Aires/Argentina
1º lugar cartum 8º Salão Universitário de Humor 2000

a esperança da felicidade? Não existe outro recurso mais poderoso do que o *humor*, juntamente com seus aliados o Amor e o Cuidado.

Importantes pesquisas na área da medicina, sobretudo em psiconeurologia comprovam que o *riso* tem poder curativo pois libera substâncias (como a endorfina) que atuam como

analgésicos. Quando se está rindo, o foco da mente deixa de ser a dor e passa a ser a alegria. Além do benefício fisiológico, a relação do humor com a doença quebra o óbvio de que toda pessoa doente é (ou deve ser) triste e infeliz e, por isso, o contato com ela deve seguir também esse mesmo padrão.

**Quando se está rindo,
o foco da mente deixa
de ser a dor e passa a ser
a alegria. Além do
benefício fisiológico,
a relação do humor com
a doença quebra o óbvio
de que toda pessoa
doente é (ou deve ser)
triste e infeliz e, por isso,
o contato com ela deve
seguir também esse
mesmo padrão**

Existe um ser imaginário que pode ser considerado o ‘guardião do riso’ na história da humanidade. Ele é o *palhaço*, figura mística que representa a essência (criança) de todo ser humano. Irreverente, rompedor de todo preconceito e tabus, alegre, colorido, ingênuo, seu maior desejo é ser amado e aplaudido por todos.

Por saber desse tesouro, vários projetos de humanização hospitalar levam palhaços aos hospitais e, magicamente proporcionam aos doentes momentos inesquecíveis de troca de carinho e muitas piadas!

Entre tantos projetos, quero destacar o Projeto Mandacarinho, que desde 1999 leva palhaços aos hospitais de Jacareí, interior de São Paulo, para a alegria de pacientes, familiares, funcionários e equipe de saúde ali presentes.

Utilizando a técnica do *clown* (pa-

lhaço sutil) esse projeto traz em seus relatos encontros onde é possível realmente constatar os efeitos do humor no bem-estar e na cura dos pacientes. O *clown* não tem nenhum compromisso com a animação ou com a provação do riso. Pelo contrário, sua atuação segue o exemplo dos grandes mestres *clowns* como Chaplin e a dupla O Gordo e o Magro, ou seja o encontro se inicia sutilmente com um caloroso olhar e, se houver permissão arriscam-se algumas bolinhas de sabão. Se o espaço se abre ainda mais, o palhaço entra de corpo e alma na relação com o paciente, conversa, ouve os ‘causos’, canta, dança, conta piadas e se despede, aquecido pelo carinho que veio para dar e acabou recebendo.

Cada encontro é único pois cada pessoa assim o é. Mesmo para aquelas cujo “estado de coma profundo” a separa do contato, o encontro é realizado carinhosamente, com flauta, poesias e toques. Para surpresa da equipe (mas comum para o universo dos palhaços!), muitos desses pacientes silenciosos respondem ao encontro com pequenos movimentos ou até mesmo com relatos posteriores fora do coma.

O Projeto Mandacarinho atende adultos e crianças nos hospitais com o objetivo de simplesmente promover encontros que sirvam para despertar a

essência das pessoas que ali estão. Através da ingenuidade do palhaço, o projeto quer colaborar no alívio da dor e do medo, e sobretudo no resgate da dignidade humana. Ao mesmo tempo, promove a quebra do ambiente sombrio dos hospitais, ensinando a todos que se deve enxergar a saúde e a alegria no rosto de cada paciente e tratá-lo como um ser saudável em sua essência. Por intermédio do carinho, os “mandacarinhos” (como são chamados pelos médicos nos prontuários dos pacientes: “Receito os Mandacarinho urgente, em doses diárias”) querem semear o amor e regar sementes de esperança existentes em cada coração.

Ao final de cada dia de trabalho, o palhaço leva consigo a certeza de ter colaborado para o bem-estar daquelas pessoas. Estes são pequenos resultados dentro de um sonho maior de transformação social, de inclusão e de direitos humanos.

Taís Neves, psicóloga com especialidade em psicossomática, como “palhaça diplomada” atuou no Projeto Mandacarinho em 1999 e 2000 e atualmente faz parte da equipe de apoio.

Coisa rara

José Lima Jr.

Sem dúvida somos levados nesta página, teologicamente, a visitar quadros de uma via-sacra, dolorosa, mas risonha também, uma espécie de nascimento de parto em que sorrisos e lágrimas são a mesma "coisa rara" (*o riso é um outro jeito de chorar*). Lemos solidários e abençoados como a ouvir... um *lorgheto*

Está acabando esta quinta-feira, 16 de outubro. E continuo apenas com o título deste artigo. Desconfio que não vou conseguir passar além dele. Quando muito, fazer algumas variações sobre ele. Acontece que hoje levei meu pai ao hospital por conta de um problema que se manifestou anteontem no seu pé esquerdo. Precisou ser operado. Não resolveu.

Agora, como vou escrever sobre este tema da *Tempo e Presença*? Se tudo tem seu *kairos*, este meu *tempo* não tem a *presença* do riso. Portanto, sinto que meu artigo, destoando um pouco nesta edição da revista, talvez soe como contraponto. E porque estou escrevendo um *lorgheto* em Dó menor, numa pauta clavada para anotações mais sustentadas pelo *allegro vivace*, aconselho você passar logo para outras folhas. Com efeito, rir é coisa rara.



Está acabando esta sexta-feira, 17 de outubro. E meu pai sofreu nova cirurgia. Amputação. Pé virou solo do mu(n)do; joelho, saudade da pern/.



Está acabando este sábado, 18 de outubro. E a vida, cotidianamente misteriosa, também se configura como

risco sem trégua. Por isso mesmo há que se rir, como guerrilha, teimosamente. Num ris(c)o vital. Com tenacidade e arte para compor dos cacos de vidro do caos cuspido por areia e fogo algum mosaico especular, espetacular, caleidoscopicamente. Um ris(c)o vit(r)al. Uma coisa ainda mais rara.



Está acabando este domingo, 19 de outubro. E preparando-me para um compromisso no meio da semana entrante, revi o poético *Abril despedaçado*. Lá pela metade do filme, surge a imagem de uma malabarista mambe em sua função circense: brincar com o fogo. Ao fundo, uma frase que imaginei sugerir o nome da companhia: *o riso da terra*. Depois supus também que é o próprio fogo o riso da terra. Isso me levou a pensar ainda como os quatro elementos da natureza (terra, fogo, água e ar) poderiam ser chaves interpretativas sobre o roteiro de Walter Salles, Sérgio Machado e Karim Ainouz. Mas isso não me toca comentar aqui e agora. Apenas lembro como a natureza e suas contradições elementares (retratadas na comovante estória desse *Abril transpassado* de negra, rubra e ocre amarelidez) estão impregnadas por valores culturais de diferentes épocas e sítios. Essa

contaminação natura/cultura descende e desemboca na maior e mais inescapável questão da natureza humânea: a morte. Exatamente por tornar a morte num problema, a cultura engendra vários subterfúgios no seu enfrentamento. Nesse expediente, como recurso, destaca-se o riso – há muito emblemado no circo. E circo, por definição, é um espetáculo ‘extra-ordinário’, com atrações inusitadas, repleto de situações-limite, perigosas. No circo se poetiza, estética e mimeticamente, um catártico ris(c)o vit(r)al. Se não houver risco, no circo o riso arrefece. Se não houver como que um caleidoscópio vítreo sob a multicolorida lona, no circo o vital desmaia anestesiado. Por isso, o circo é coisa bela, é coisa boa, é coisa rara. Enquanto isso, meu pai segue na corda bamba da vida, equilibrando-se feito saci encanecido.



Está acabando este sábado, 25 de outubro. E você já percebeu que fiquei uma semana sem escrever este diário-desculpa. Precisei passar as noites acompanhando meu pai no hospital. Aliás, enquanto ele dividia um quarto coletivo, pude sentir em alguns pacientes uma pitada de humor e, às vezes, explícitas ironias diante das adversas condições da vida. A propó-

No circo se poetiza, estética e mimeticamente, um catártico ris(c)o vit(r)al.
Se não houver risco, no circo o riso arrefece.
Se não houver como que um caleidoscópio vítreo sob a multicolorida lona, no circo o vital desmaia anestesiado. Por isso, o circo é coisa bela, é coisa boa, é coisa rara.
Enquanto isso, meu pai segue na corda bamba da vida, equilibrando-se feito saci encanecido

algum motivo de riso – mesmo que esse rir viesse mascado com apreensão, rangido pelos receios ou lambido em nuas gengivas; mesmo que esse humor recendesse morte. Acho até que estavam repetindo padre Vieira: *o riso é um outro jeito de chorar.*



sito, numa noite, depois das dez horas, sob ameaça do silêncio invadir a friagem dos corredores, um sexagenário em complicada recuperação por problemas cardíacos disse: *Amanhã cedo quem vem me dar banho será a Sheila Mello*; ao que num outro leito, um venerável avô, recém-saído de uma cirurgia para retirada de um tumor, perdendo quase todo seu intestino delgado, retrucou ao assanhamento do cardíaco: *Grande coisa; em mim quem vai dar banho será a Sheila Carvalho*. Imediatamente me senti cheio de graça, abençoado pelo riso. E conclui: num lugar daqueles, naquele instante, como que passando *pelo vale da sombra da morte*, ‘apenas’ um temor assaltava esses acamados: que lhes escapasse a oportunidade (talvez derradeira) de um chiste, de uma piada. Por isso, aproveitavam, cheios de apetite, para colher o dia com algum gracejo,

Está acabando esta terça-feira, 28 de outubro. E hoje levei meu pai de volta para sua casa. Ele parece haver desistido de rir; mesmo como disfarce de um choro. Não tenho muitas esperanças a respeito de seu ânimo. Suspeito que será uma coisa muito rara encontrá-lo novamente agraciado pelo humor que vivifica.

Mas também pressinto que meu pai continuará com seu riso mais sublime. Sua morte anunciada contrasta com seu olhar manso e doce. Certamente ele continuará a crer na ressurreição de sua pernl. E crer é ser achado em graça, ainda que não se ache graça para sorrir. E quem já acreditou bem sabe que essa graça é coisa *divinamente* rara dentre as raras coisas da vida. ■

José Lima Jr. é autor do livro *Humorte – cosquinhas semióticas no umbigo da entropia*, publicado pela Editora Unimep.

Ivone Gebara

O riso é próprio do humano

É bem cedo ainda e o ônibus para o centro de Recife está repleto de passageiros. Nem todos conseguiram entrar e o ônibus já prepara-se para arrancar, acelera uma vez e mais uma, com força ruidosa e nervosa parece começar a mover-se. Finalmente, mais um passageiro consegue entrar apertando-se e segurando-se nos corpos dos outros. Os que continuam no ponto são incensados pela fumaça negra de diesel maculando as camisas brancas e os corpos recém-saídos do chuveiro. Apesar dos pesares é preciso continuar firme, à espera do próximo ônibus.

A porta fecha-se com força e esforço. Mas, a porta não vê e, infelizmente, o braço do último passageiro fica fora. Ele grita, outros gritam, muitos gritam: "Pare motorista! Pare motorista!" O ônibus pára, abre a porta e felizmente o braço é salvo apesar de algumas manchas avermelhadas que ficaram como lembrança. Mas, a agitação dentro do veículo era grande, como se outro incidente estivesse prestes a acontecer. De repente uma voz masculina e jovem se faz ouvir: "Bem feito companheiro! Por que não deixou seu braço em casa! Quem mandou trazer o braço para o ônibus!" Risada geral, risada contagiante! Alguns riem da risada dos outros. Até o acidentado ri. Segue-se então o momento narrativo comum. Muitos passageiros tinham uma história trágica para contar, história parecida com o sucedido e esta virava imediatamente objeto de riso. As histórias se misturavam e ficava um pedaço de uma, um pedaço de outra nos ouvidos dos que conseguiam ouvir. Ninguém mais falava do calor, do incômodo da superlotação, das sacudidelas causa-

das pelos muitos buracos das ruas. O humor trágico tornou o dia mais bonito, a viagem mais agradável, as caras mais distendidas, embora sem apagar a tragicidade da vida. O humor não faz esquecer, apenas abre uma pausa na dor de cada dia. O humor não resolve problemas, apenas nos dá condições subjetivas para encará-los com mais serenidade.

Este é o humor ou o riso trágico, riso comum que experimentamos no cotidiano de nossa existência. É o riso que ajuda a agüentar os sofrimentos e os medos da vida. É a risada que relativiza as coisas, que ridiculariza os poderosos, os bêbados, os estropiados; risada que nos torna mais simples e até, talvez, mais amáveis aos nossos próprios olhos.

Rir é o melhor remédio, diz o ditado popular. Rir de si, das outras, dos outros, rir do que construímos, do que pensamos, do que somos e do que pensamos que somos. Rir nos devolve a medida do que é ser simplesmente humano.

Haveria outros risos, menos trágicos, menos marcados pela dor que podem ser observados na vida dos grupos humanos? Sim e tantos quantos possamos imaginar!

Há o riso da beatitude, o riso da gratuidade, o riso da conquista da terra, o riso da saciedade, o riso da beleza, o riso do prazer, o riso do amor, o riso da criança e tantos outros para expressar esta dimensão própria do ser humano. Há o riso interior, o riso exterior, o riso solitário e o riso conjunto. Há o riso, o sorriso e a gargalhada. Há o riso forçado, o riso amarelo, o riso irônico, o riso debochado, o riso formal, o riso educado, o riso triste...

Haverá um riso religioso?

O riso foi pouco desenvolvido na espiritualidade cristã. As lágrimas e os lamentos foram



Endrigo Z. Pinotti, Universidade de Caxias do Sul/R.S
Menção honrosa no 10º Salão Universitário de Humor 2002

sempre mais abundantes. Era preciso chorar sobre nossos pecados e alegrar-nos apenas com o futuro celeste. Era preciso entristecer-nos por nossas inúmeras culpas e esperar contritos a magnanimidade divina. O ser humano que chora chama mais atenção do que o que ri. Para o cristianismo as lágrimas são o próprio do homem!

Deus sempre foi sério. Deus não brinca e portanto não se pode brincar com Deus. Deus dá medo ou ao menos provoca temor. Religião é coisa séria muito embora algumas poucas vezes possa provocar alegrias. Mas são alegrias ditas espirituais!

Desde o tempo dos Padres da Igreja, o gozo da vida e a sexualidade foram considerados ofensivos à herança cristã. A vida sexual se converte pouco a pouco em tristeza e contaminação pecaminosa. Esta marca se estendeu até os dias de hoje, embora o mundo tenha vivido múltiplas revoluções sexuais. As oposições dualistas continuam habitando nossos corpos e nossas mentes. Continuamos mais ou menos convencidos, sobretudo os teólogos, de que o riso e o prazer apesar de serem próprios do humano podem ser uma armadilha que o levaria à perdição.

No catolicismo raros foram os santos apresentados sorrindo, raros foram os santos que tiveram uma vida prazerosa considerada positivamente. Ao contrário, a maior parte das hagiografias, assim como a arte sacra

é cheia de dores, sofrimentos e sacrifícios. A arte religiosa é trágica. As expressões dos mártires são pintadas ou esculpidas por meio de formas sérias e sofridas ou quanto muito absortas em universos interiores que nos faziam pensar nas realidades para além da terra. Só no além o alívio em relação a este "vale de lágrimas" é possível. Só no além as lágrimas serão absorvidas num estado de beatitude que só os ícones foram capazes de retratar. Olhares fixos num além desconhecido, feições estáveis que não denunciam nem dor nem prazer.

O Cristo crucificado, o Senhor das dores, o Senhor ensanguentado e morto, o Senhor quase sucumbindo ao peso da cruz são as imagens que povoam o mundo de nossas memórias religiosas e, até mesmo da memória protestante popular. A Maria, mãe de Jesus chorando ao pé da cruz, a Maria do coração traspassado por sete espadas, a Maria, Pietá acolhendo o filho morto nos braços... esta se assemelha às tantas Marias sofridas pelo mundo afora.

A religião está eivada de dor e de sofrimento. Estampando a tragicidade do sofrimento humano, parece, como diria Feuerbach, lembrar a necessidade de consolo, de alívio num mundo sem coração.

Rir de prazer não era sinal de santidade. Os amantes da vida, os que buscavam vivê-la com alegria eram suspeitos de terem parte com o demônio. O demônio

sim, este era festeiro, este gostava de dança, este gostava de vinho e de sexo.

Assimilamos o sofrimento a Deus e às coisas de Deus. O sofredor auge-se a Deus. Mas, o 'gozador' auge-se a seu próprio gozo ou como diz a tradição popular ao próprio demônio. O demônio parece gostar de rir, de festa, de prazer, de cachaça, de dança. É menos sério do que Deus e por isso está sempre metido nas confusões humanas. O demônio é mais parecido conosco do que Deus. Por isso, fomos capazes de desenhar uma imagem feia do diabo, uma mistura de homem e animal. O diabo é nossa imagem. Entretanto, não fomos capazes de imaginar Deus ou quando o fizemos o assimilamos a um velho de barbas e cabelos brancos acima de todos os seres, um velho sem Eros, sem paixão, presidindo o mundo em meio a nuvens brancas que às vezes se confundem com sua barba. E o cristianismo não disse também que somos "imagem e semelhança de Deus"? De que Deus? Precisamos ao longo dos séculos negar nossos prazeres e nosso riso para nos aproximarmos dessa imagem divina!

Embora se diga que rir é próprio do humano, somos animais tristes. Fomos expulsas do paraíso. E mais do que expulsas, amaldiçoadas. E mais do que amaldiçoadas, condenadas a viver sob o peso de nossas necessidades.

Fomos de certa forma cortadas de nossa harmonia primeira e da harmonia conosco mesmas. Por isso, vivemos errantes e dominadas pela vontade de prazer e pela necessidade de sobreviver. Vivemos na corda bamba, um passo em falso e caímos... Fora do paraíso a fragilidade é nossa condição! Por isso, podemos rir, mas um riso breve, sóbrio, limitado. Nossa "próprio" riso foi controlado pela ideologia da seriedade e do antiprazer!

O Deus Ordenador é sério. Sua Lei deve ser cumprida e nela não parece haver lugar para o gozo. Deus não ri. Deus cria. Deus ordena. Deus julga. Deus salva, apesar de descansar no sétimo dia! E seus ministros conhecem sua vontade e sabem como impô-la aos seus fiéis. Seus ministros sabem como controlar o riso e o prazer, sabem dosar a medida certa para que as 'ovelhas' não saiam do rebanho.

Expulsos do paraíso pela tentação consentida, pela fraqueza feminina, pela cumplicidade masculina. Esta é nossa condição! Não se pode mais voltar ao paraíso

nesta vida, nesta história. A história não é paraíso, embora o tenhamos na lembrança, embora o tenhamos como sonho impossível a nutrir nossas mínimas possibilidades de felicidade.

Somos o que fizeram de nós. E do que nos foi entregue podemos mudar apenas formas, tonalidades, mas a matéria saudosa de paraíso continua a mesma. E a saudade do paraíso pode levar à vida e à morte, pode levar ao individualismo egoísta e ao sentimento do outro como meu eu e meu próximo. A saudade do paraíso pode levar ao ódio disfarçado de amor ou ao amor disfarçado de ódio. Posso ser Hitler ou Bush e posso ser Ghandi ou uma avó da Praça de Maio.

Paraíso perdido, amor perdido, objeto perdido de um desejo sem fim!

Riso, misturado à mistura da vida!

Rir é próprio do humano. Há que rir ou tentar rir, ao menos em pensamento, rir do humano que somos sem saber por que somos o que somos.

Jogo de palavras? Jogo da vida num tabuleiro de xadrez?

Buscamos no riso formas de salvar nossa dignidade, formas para redefinir nossa identidade humana. É como se diante da violência que nos rodeia, que nos habita e tece, quiséssemos voltar a memória de quem somos: somos amantes, ridentes, sedentas de justiça e igualdade. Mas, somos também assassinas, injustas e mentirosas. E nesse somos tão misturado, tão frágil e passageiro queremos pelo riso resgatar o melhor que existe em nós mesmas. Ao pensar no riso embora não estejamos rindo queremos simplesmente vislumbrar a possibilidade de encontrar de novo nossa 'alma', de encontrar de novo uma razão de ser que nos devolva 'um coração de carne'. Reaprender a rir com as coisas belas da vida, reaprender o humor presente no cotidiano nos dará talvez forças para seguir viagem. Não resolve o problema da violência do trânsito, da falta de emprego, da jovem estuprada, do braço ferido pela porta do ônibus, do filho chorando de fome, das decepções políticas, mas alivia, ajuda a respirar e a respirar melhor. Precisamos nos ajudar a aprender a rir, rir para ver se algo novo pode nascer de nosso riso. Rir porque a mesa está farta, rir porque em breve a criança esperada vai nascer, rir porque amanhã é dia de colheita, rir porque Deus ri com a nossa risada. ☉

Os políticos que crêem no poder da alma

Leonardo Belderrain

Qualquer governante de município, estado ou país passa, *mutatis mutandis* pela experiência do técnico de futebol, notadamente da Seleção. Vive-se num país onde todos supõem possuir 'fórmulas salvadoras' ou 'escalações definitivas'. O técnico/governante é bom se responde aos desejos de alguém. Se não... Isso vale até com Deus, cercado de "uma piedade piegas (que) acaba desconfiando dele", quando as coisas não são como se esperava. Esse duplo sentido, essa ambigüidade leva até a confundir um gesto gentil de mãos com uma saudação "havaiana"

"O Brasil leva décadas com governos sem coração, cruéis e sem piedade, nos quais se esqueceu que política não é administrar coisas e dinheiro, mas o gesto amoroso de saber cuidar do povo."

(Leonardo Boff, encontro de 2.500 artistas e intelectuais com Lula em tempo de candidato.)

Está o Poder do Estado na força interior e na unidade de seus funcionários? Como se indica: *Em cada nível estatal são os seus atores os que decidem o que conservar, o que transformar e para onde se deve ir, definindo assim um modelo de Estado. De igual modo, para conseguí-lo definem, explicita ou implicitamente, uma política de aquisição de competências, a qual, em alguns casos, pode ser expressa como uma política de formação. Podemos então, inferir que, a formação/capacitação no âmbito público não é nem boa nem má em si mesma: é uma atividadeposta a serviço de políticas do estado. Uma política formativa demonstra uma vontade transformadora da realidade estatal e social, na busca de uma mudança cultural que vai mais além da mera expressão normativa das políticas estatais.*

É provável que a discussão ética referida às políticas de formação ou capacitação esteja aberta. O fato de

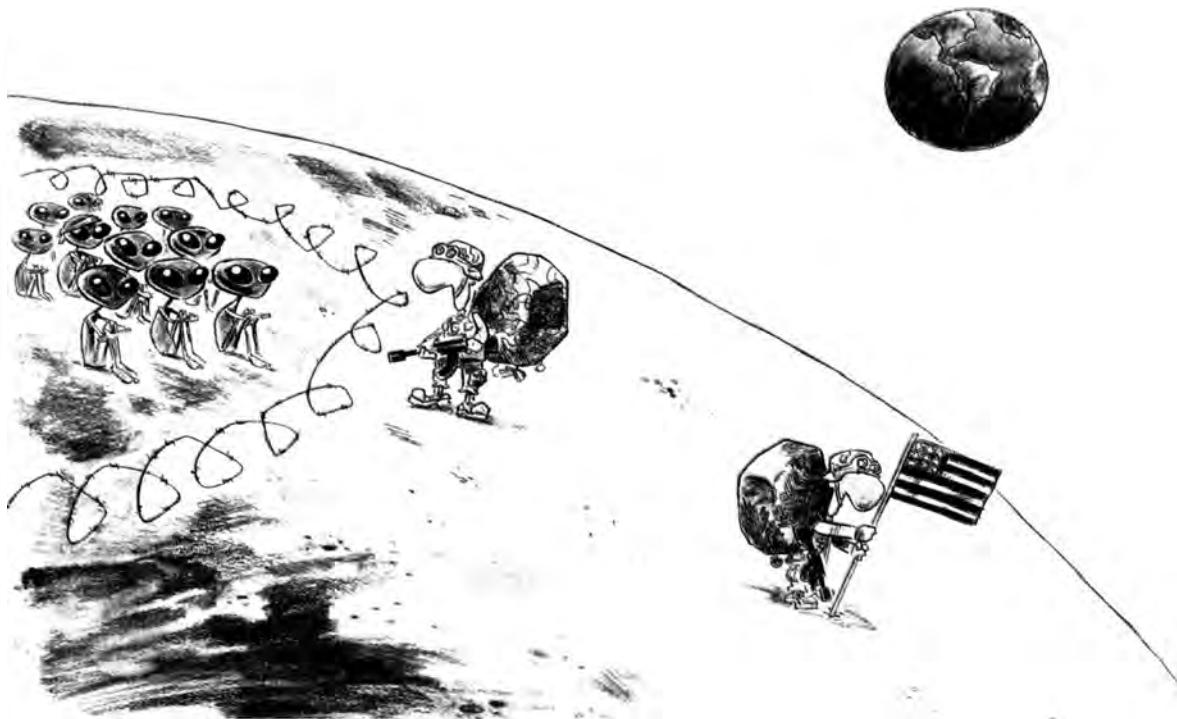
que possam ser inócuas em si mesmas, ou que sejam boas ou más, conforme a articulação que possuam com quem lhes dá de comer, creio que é o elemento central do debate.

O politólogo irlandês John Holloway, autor de *Como mudar o mundo sem tomar o poder* mostra o que Noam Chomsky chama de "o espaço que o sistema permite" e que os intelectuais acomodados não transgridem.

Para estes autores a neutralidade denota hibridez. Os atalhos argumentativos acabam resultando funcionais para o sistema. Acabam sendo aproveitados em seu favor neutralizando forças ou projetos alternativos que podem pôr em alto risco a sua continuidade dominante. A análise dos grupos interessados funciona, então, com a lógica do modelo: "As pessoas não esperam que o Estado resolva a sua crise."

Conceito este que coincide totalmente com as afirmações de Drucker em seu livro *As Novas Realidades*, onde explica que na base das "novas realidades" trazidas pelo modelo está a declaração de que "não há mais salvação pela sociedade". Coisa que reforça agregando que: "Foi a crença na salvação pela sociedade que proporcionou ao marxismo o seu tremendo atrativo momentâneo e sua decadência a posteriori."

Na nova perspectiva brasileira estimulada pelos "teólogos da libertação"



Elias Ramires Monteiro, Universidade Federal de Santa Maria/RS
1º lugar charge 11º Salão Universitário de Humor 2003

se confia no poder do povo como sujeito social e em sua capacidade para criar uma sociedade mais justa e mais digna. Para eles é importante o poder em bruto mas, este só é eficaz e tem autoridade quando se sabe articular com os núcleos éticos míticos da sabedoria popular e aquela memória que outorgam a salvação à sociedade para além de suas reais desagregações.

O novo que nos une é fazer parte, embora a gente seja ‘independente’ de uma memória que unifica. Para o modelo dominante ainda bem que isto já acabou. Na realidade o que mais caracteriza as sociedades céticas e desencantadas por tantos anos de paternalismo e autoritarismos, especialmente na América Latina, é a falta de fé na força interior dos cidadãos e no poder que surge da unidade, de suas novas micro-militâncias sociais.

Em nosso discernimento ético parece-nos que o Estado, em suas cris-

talizações, nos permitiu ver como nós somos: algumas vezes solidários, outras, fragmentados, infectados por lobbys, não poucas vezes disciplinadores, tecnocratas, às vezes, eficientes gendarmes. E, nos últimos anos, quando cresceu o empobrecimento, talvez, muito poucas vezes inteligentes, mas com alguma noite de “lua de mel” quando nos lembramos que houve um 17 de Outubro. (O autor se refere a um grande protesto contra o governo.)

Creio que o que nossa perspectiva oferece é a fé e a confiança em nossa força interior e no trabalho de equipes bem articuladas. A partir dessas micro-militâncias as pessoas temem menos enfrentarem-se com nossos núcleos mais perversos e os de nossas instituições. Creio que é nisso que radicam as místicas das atuais formas de capacitação nas boas gestões de modernização dos países latino-americanos.

O maior mérito no desenvolvimento destas gestões poderia estar no fato de ir tirando o funcionário público de nossas cidades de uma compreensível “sensação térmica” de “vítimas”. É claro que não o são. Mas como se sentem? É possível que se perguntados sobre o que os faria felizes, falariam de seus sonhos e projetos e se fossem, ainda, perguntados por que não se sentem felizes é provável que muitos responderiam que “...é que não me deixam ser feliz.”

Uma estudiosa de como se articula o poder, Neale Wolsch, lembra que é na unidade que está a fortaleza interior e é na separação onde se dissipa a consciência deixando uma sensação de debilidade e impotência e, portanto, de luta pelo poder. O poder para criar novos Estados e novas estruturas advém da fortaleza interior e se retroalimenta na unidade.

Parece que sem aquele “clima de

O que mais caracteriza as sociedades céticas e desencantadas por tantos anos de paternalismo

e autoritarismos, especialmente na América Latina, é a falta de fé na força interior dos cidadãos e no poder que surge da unidade, de suas novas micromilitâncias sociais

“unidade” de que falamos e que tentamos criar em nossas aulas e cursos, qualquer tentativa de modernização é fetichismo ou alguma coisa que parece atualizada e gratificante a curto prazo, mas que, com o passar do tempo nos priva da sensação de que estamos avançando em boa marcha.

Como assinala Wolsch, o poder surge da força interior. A fortaleza interior não se obtém do exercício do poder bruto. Geralmente a cultura dominante entende tudo ao contrário – “O milagre que gera uma práxis com um alto nível de eficiência resulta de uma atuação de quem se sente não-separado de nada nem de ninguém. São eles que curam o mundo.”

Trata-se de agir com o poder e não sobre este. Creio que ninguém isto tão claro como Leonardo Boff em seu discurso depois da posse de Lula, de que tipo de poder se tratava, quando disse: *O poder é a maior sensação para o ser humano, pois ele nos dá o sentimento da onipotência divina. Ele é o vigor puro. E se permanece apenas o vigor ele se torna destrutivo. Somente a ternura delimita o poder, fazendo com que se torne benéfico. Ternura e vigor são as duas dimensões básicas que constroem o ser humano bem realizado. O equilíbrio entre ternura e vigor fez com que os grandes fossem grandes como Gandhi, Chico Mendes, Betinho, Francisco de Assis e, não em último lugar, o homem de Nazaré.*

Você, Lula, por obra e graça do Mistério, é uma potência de ternura canalizada numa corrente viva de vigor. Daí nasce e se alimenta seu carisma que fala para o profundo das pessoas, ali onde vivem os arquétipos ancestrais. Por último, Lula, falo de você como homem de fé. Em decisões difíceis não deixe de recorrer à fonte secreta de inspiração e de luz: o Espírito Criador. Com sua política você pode realizar tudo o que é necessário, com seu carisma vai torná-lo possível, mas com a luz do Espírito vai realizar até um pouco do impossível. Com a imensa fraternidade de tantos anos. (Jornal do Brasil, 1º/11/2002)

Creio que no encalço daquela “energia de transformação” circunscrevo os espaços dos que tentamos fazer meta política em nosso país. Tentaríamos ajudar a confiar em nossa força interior e no poder da unidade.

Creio que a partir desta filosofia se poderia decantar aquele utilitarismo que pensa que o bom pode ser imediatamente verificável e que pode crer que Deus é o imediatamente calculável e útil, sem ter a mesma confiança na força interior que podem expressar nossos interlocutores, na medida em que continuam potenciando suas expressões e o poder de suas interrelações.

Creio que por aqui passa a grandeza e a qualidade de uma boa gestão.

Nem tudo o que me serve é Deus. Nem o que pode parecer útil realmente nos salva...

As pessoas sempre acreditaram no Inferno e num Deus que as enviou para ali enquanto acreditarem num Deus que é como certos homens impiedosos e interesseiros que não perdoam e são vingativos. Para essas mentalidades Deus não pode estar além de certo estilo de gente poderosa. As pessoas ao não poderem confiar em si mesmas para serem boas tiveram de criar um estilo de religiosidade do Deus mal-humorado e castigador que mantém a todos em ordem e que ameaça até com a pena de morte. (Neale Wosch)

Sabe-se que é próprio da natureza humana criar Deus à nossa imagem e semelhança. Talvez por isso, hoje, alguns crentes consideram importante tentar crescer em humanidade, solidariedade e felicidade. Diante do futuro interessa que a imagem de Deus que projetemos na sociedade seja a de um Deus que valha a pena adorar, e que nele estejam reconciliados a festa, o prazer de desfrutar a vida e a paixão pela justiça.

É possível que se perguntados sobre o que lhes faria felizes falariam de seus sonhos e projetos e se fossem, ainda, perguntados por que não se sentem felizes é provável que muitos responderiam que "...é que não me deixam ser feliz"

Oxalá pudéssemos desvincular a Deus de uma piedade piegas que até, acaba desconfiando dele por causa do aspecto de infantilidade, de desigualdade ou do ridículo de certas experiências religiosas.

O relato que segue pretende, a partir de um conto, iluminar certa candura humana que, às vezes, é apenas o disfarce de uma mentalidade egoísta que procura não se envolver com os outros porque vive cômoda em sua idolatria.

É quase uma experiência religiosa...

Há alguns dias minha avó me escreveu uma carta em que dizia textualmente:

"...querido neto, outro dia tive uma experiência religiosa muito boa e não poderia deixar de compartilhá-la com você. Fui a uma livraria cristã e ali encontrei um adesivo para colar no carro que dizia assim: *Toque a buzina se você ama a Deus!*"

Como tive um dia muito ruim decidi comprá-lo e colá-lo no pára-choques de meu carro. Com isso o meu dia se transformou...

Ao sair dirigindo cheguei ao cruzamento de duas avenidas que estava

muito congestionado, de carros. A temperatura exterior era de trinta e sete graus e era a hora do *rush*. Fiquei ali parada porque a luz do sinal estava vermelha. Pensando no Senhor e em sua bondade não percebi que a luz tinha se mudado para o verde. Mas isto me fez muito bem porque descobri que muitas outras pessoas amam ao Senhor pois, imediatamente, começaram a soar suas buzinas. A pessoa que estava atrás de meu carro era, sem dúvida, muito religiosa, já que tocava sua buzina sem parar e me gritava: *Vamos, pelo amor de Deus!!!*

Dirigidos por Ele, todos faziam soar suas buzinas. Eu sorria para todos e os saudava com a mão através da janela.

Percebi então que um rapaz me saudava de uma forma muito particular levantando apenas o dedo médio da mão. Perguntei então ao seu irmão João, que estava comigo, o que queria dizer esse tipo de saudação. Ele me respondeu dizendo que se tratava de uma saudação havaiana que significava 'tudo bem'.

Então eu coloquei minha mão para fora da janela do carro e comecei a saudar a todos da mesma maneira. João, muito feliz, se dobrava de tanto rir, suponho que por causa da bela experiência religiosa que estávamos vivendo. Dois homens, saíram de um carro próximo ao nosso e começaram a andar em nossa direção. Talvez para

rezarem comigo ou para me perguntarem a que igreja costumo ir. Mas, nesse momento, vi que a luz tinha ficado verde. Então saudei a todos os meus irmãos e irmãs e arranquei. Depois de cruzar notei que o único carro que tinha podido avançar tinha sido o meu, pois a luz tinha ficado vermelha outra vez e me senti triste de deixá-los ali depois de todo o amor que tínhamos compartilhado. Por isso parei o carro, desci, saudei a todos com a saudação havaiana pela última vez e fui embora. Rogo a Deus por todos esses bons homens e mulheres..."

Beijos, sua avó.



BIBLIOGRAFIA

- Ruiz Gracia, Henrique, *La Era Carter*, Madrid, Alianza Editorial, 1978.
Drucker, Peter, *Las Nuevas Realidades*, Barcelona, Edhsa, 1989.
Sorman, Guy, *La Solución Liberal*, Buenos Aires, Atlántida, 1988.
Nun, José, *Democracia*, México, FCE, 2001.

Leonardo Belderrain, bioeticista, professor catedrático de Ética Empresarial do Instituto de Cultura Técnica da Universidade de La Plata. La Plata, Rep. Argentina. Reproduzido de *Agencia de Notícias Prensa Ecuménica Doc*, PreDoc 95. (Tradução do espanhol Zwinglio M. Dias)

Um papa que não vê o amanhã

Eduardo Hoornaert

Não é a depreciação de um papado que já dura um quarto de século. É mais uma oração (orar é externar desejos) para que, apesar de o "desalento" com um papa, excelente político, ao eleger-se o sucessor, a fumaça branca permita oráculo do colégio cardinalício a proclamar o *habemus papam* oficial seguido de *pauperum*. Para todos os cristãos não basta um chefe religioso, é preciso um papa mais "moreno", mais "mestiço", mais "dos pobres"

No mundo em que vivemos parece-me impossível avaliar o desempenho de qualquer pessoa pública sem analisar o impacto criado em torno dela pelos grandes meios de comunicação em massa, a televisão, o rádio e o jornal. No fundo, as figuras que aparecem na televisão são de certa forma 'criaturas' dos detentores da mídia. Nós consumimos diariamente mensagens emitidas por poucas pessoas ou grupos minúsculos, mas com enorme poder de comunicação. Isso é um fenômeno relativamente novo que se aplica pela primeira vez ao papado católico. Ora, na grande mídia o papa João Paulo II detém uma imagem sumamente positiva, recentemente fortalecida por sua postura diante da guerra do Iraque e pela imagem de um sábio curvado sob o peso da doença, da velhice e da responsabilidade.

Desde o início de seu pontificado João Paulo II tem se empenhado em criar uma imagem de forte impacto na mídia, o que não escapou a observadores que o conhecem de perto e o qualificam como um papa eminentemente político. O papa João Paulo II adora fazer política, e nisso se destaca diante de seus antecessores Paulo VI ou João XXIII. Ele conseguiu ir muito além das fronteiras do catolicismo e hoje se constitui, ao lado de Bush e talvez de Kofi Anan (ONU), uma das figuras televisivas mais conhecidas do mundo, talvez a mais respeitada. Eu

não o critico nesse ponto, pois a função papal tem uma dimensão inevitavelmente política.

Não quero, pois, emitir aqui algum tipo de julgamento pessoal acerca do papa João Paulo II, que me parece agir com a retidão que seu importante cargo exige. A questão está na maneira em que o atual papa entende fazer política. Penso que ele, ao querer entrar de cheio no novo mundo virtual, foi simplesmente atropelado pela galopante globalização, cujo ritmo mal avaliou. Esse ritmo está sendo rápido demais para o pontífice, que não consegue sintonizar com ela a partir de suas raízes católicas polonesas e de sua formação clerical.

Num momento em que os países emergentes clamam por mais participação no cenário mundial (como comprova o fenômeno Lula, por exemplo), o atual papa continua sendo um papa fundamentalmente 'europeu' e 'primeiro-mundista', por mais que tenha viajado por África, Ásia e América Latina. E num cenário sempre mais plural em termos religiosos, ele continua sendo muito 'eclesiástico' e bate nas mesmas teclas em que seus antecessores batiam, sem muito sucesso. Do outro lado, não sinto nele pulsar um coração que sente a dor das mulheres iraquianas, dos afegãos afugentados, das crianças africanas, dos favelados brasileiros. Será que ele sente a 'dor do mundo'? A televisão diz que

sim, e proclama aos quatro ventos: João Paulo II é o papa da paz.

É neste ponto que me permito discordar das mensagens televisas, que certamente hão de glorificar João Paulo II no 25º aniversário da data de sua eleição. O atual papa carece daquela sensibilidade universal que hoje se exige de um líder religioso de alcance mundial. Nesse ponto fica atrás do Dalai Lama que, agindo a partir de princípios budistas, toma corajosamente partido a favor do pequeno povo tibetano diante do 'dragão' chinês, assim como, nos anos 1940, o inesquecível Gandhi tomou partido pela Índia contra o poder colonial inglês, a partir de sua espiritualidade hinduista.

João Paulo II, que insistentemente invoca sua inspiração cristã e evangélica, não pode ser comparado com esses líderes religiosos, ele não é o papa da paz, mas antes um hábil negociador político. Em 1991 não disse uma palavra sequer contra a guerra do Golfo, o que dá a entender que sua atual postura diante do conflito no Iraque decorre antes da geopolítica do Vaticano do que de um interesse pastoral pelo povo iraquiano. Neste momento, o Vaticano resolve apoiar a ONU contra o poder americano, de certa forma muda de campo, mas então sempre no universo dos países que detêm efetivamente o poder.

Eis uma tática que no fundo pouco

tem a ver com a universalidade do amor de Jesus de Nazaré, ou com a catolicidade (o termo significa universalidade) da religião que ele lidera. Pois infelizmente a própria ONU não consegue assumir uma postura mais condizente com os anseios dos países emergentes, daí sua inoperância no conflito entre israelitas e palestinos como em muitos outros conflitos.

É mais que urgente que algum líder de alcance mundial comece a enxergar a loucura que atualmente parece tomar conta do mundo, além das táticas diplomáticas e das políticas interesseiras. Eis uma missão eminentemente religiosa hoje. Pois estamos entrando num mundo em progressivo enlouquecimento. O estranho é que vivenciamos de maneira aparentemente tranquila essa insanidade que se espalha pela humanidade. A crescente disparidade entre pobres e ricos, por exemplo, é pura loucura. Só uns exemplos. No mundo de hoje as seletas 225 pessoas mais ricas do mundo possuem fortunas equivalentes ao que possuem 45% dos mais pobres (dados da ONU em 1995).

Eis a matemática maluca da humanidade no atual planeta terra: 225 ricos equivalem a 2,500 bilhões pobres. Os europeus gastam em sorvetes o necessário para instalar água e esgoto em todas as residências do mundo. Europeus e americanos juntos gastam em perfume o dobro do que o mundo pre-

cisa para a educação básica para todos. Os americanos gastam mais na compra de tênis do que o necessário para evitar a morte de 13 milhões de crianças por ano por diarréia, sarampo, pneumonia ou desnutrição. Gasta-se mais na área militar que na educação e na saúde. Nos últimos vinte anos, um terço da superfície arborizada do planeta desapareceu. Um bilhão de pessoas vivem sem tratamento de água, no meio de esgotos a céu aberto, o que causa inúmeras doenças, sobretudo nas crianças. Cem milhões de pessoas vivem em favelas e seu número não deixa de crescer. Por dia 35 mil crianças morrem de pobreza. Esta lista poderia continuar com muitos e muitos dados, todos absurdos.

Você poderá dizer: mas o papa não tem que tratar disso, esse assunto é da alçada dos políticos. Efetivamente, houve papas que pretendiam, por bem ou por mal, não se meter em política. Mas, como já escrevi, o atual papa gosta de política. E, como tal, deve saber que, num futuro bem próximo, (1) o cristianismo deixará de ser a religião predominante do mundo, e (2) evoluirá sempre mais para os países emergentes. A religião cristã cresce rapidamente na África e em alguns setores da Ásia e da América Latina, enquanto decresce na Europa e na América do Norte. Em 1900, 80% dos cristãos eram europeus ou norte-americanos. Em 2000, 60% dos cristãos já

João Paulo II é um hábil negociador político.
Em 1991 não disse uma palavra sequer contra a guerra
do Golfo, o que dá a entender que sua atual postura
diante do conflito no Iraque decorre antes da geopolítica
do Vaticano do que de um interesse pastoral pelo
povo iraquiano

pertenciam aos três continentes emergentes (Ásia, África e América Latina). Sobre a mesa do papa deve estar também o prognóstico, elaborado pela ONU, acerca da distribuição da população mundial em 2050, daqui a 47 anos.

Eis o quadro geral: em 2050, a Índia terá 1,628 bilhão de habitantes; a China: 1.400 milhão; o Paquistão: 349 milhões; a Indonésia: 316 milhões; a Nigéria: 307 milhões; e Bangladesh: 255 milhões. O Brasil não estará mais entre os seis países mais populosos. Virá logo em seguida, em sétimo lugar, com 221 milhões de habitantes, seguido pelo Congo, com 181 milhões, e pela Etiópia, com 173 milhões. Esses números dizem que, dentro de 47 anos, cinco dos países mais populosos serão localizados na Ásia e um na África. Nem a Europa nem a América entrarão. Os seis primeiros países terão uma maioria ou pelo menos grande contingente de muçulmanos, com uma presença mínima de cristãos. Só os três últimos da lista dos 'novos grandes' terão uma população cristã relevante.

Eis o mundo que se anuncia e já se faz sentir na forma de uma enorme pressão de populações emergentes e pobres contra populações ricas e detentoras da mídia mundial. É preciso que alguém que tenha a cabeça no devido lugar fale desses assuntos. Ora, João Paulo II não fala disso, seus as-

suntos são outros, ele parece preocupado em preservar o passado e apertar o cinto da disciplina, não dá sinais de querer ajudar para que os futuros cinqüenta anos sejam menos dolorosos para a maioria das pessoas, sejam elas iraquianas ou chinesas, turcas ou americanas. Já sabemos que serão anos dolorosos para a maioria da população mundial, trata-se de diminuir o sofrimento.

O papa do século XXI tem que saber enfrentar de forma serena e mais corajosa os problemas urgentes da humanidade, como fez o concílio Vaticano II, esse memorável encontro de todos os bispos do mundo acontecido na primeira parte dos anos 1960. Mas o atual papa não gosta desse Concílio, ele deixou até de executar diversos tópicos que a agenda do Concílio Vaticano II lhe mandou executar. Está sendo omitido nesse ponto. Além disso, cometeu o grave erro de combater, aqui na América Latina, a Teologia da Libertação, esse importante sustentáculo de grandes trabalhos da Igreja Católica nos anos 1970-1990 aqui no Brasil, por exemplo, com bispos como dom Helder Câmara, dom Paulo Evaristo, dom Aloísio Lorscheider, dom Antônio Fragoso, dom Tomás Balduíno, dom Pedro Casaldáliga, dom Valdir Calheiros.

Hoje o papa controla tudo, completou recentemente a nomeação de um colégio cardinalício que terá a respon-

sabilidade de eleger um novo papa. Ora, as recentes nomeações fizeram com que esse colégio cardinalício tenha ainda mais um rosto predominantemente branco e primeiro-mundista, no meio de um catolicismo sempre mais negro, moreno e mestiço. João Paulo II fez tudo que pôde para que o próximo papa seja à sua imagem. Será que ele o conseguirá? Os calculistas dizem que sim, a não ser que haja uma surpresa. E sabemos que a história está repleta de surpresas.

Diante desse desalento está ganhando força a idéia de um novo concílio de todos os bispos católicos, capaz de reassumir a postura do Concílio Vaticano II, que o atual papa deixou no esquecimento durante os 25 anos de seu pontificado. Um concílio democrático capaz de olhar de frente o mundo que está emergindo, com coragem, serenidade e espírito evangélico. Existe um movimento em prol desse novo concílio, nascido no Brasil, que já conta com as assinaturas de numerosos bispos e que atualmente se espalha um pouco por toda parte. Você pode acessar o site pela internet (www.proconcil.org). ■

Eduardo Hoornaert, historiador, é autor do livro *O Movimento de Jesus* (editora FTD) e co-autor de *Esta terra tinha dono* (da mesma editora). Belga, radicado no Brasil desde 1958, lecionou nos Institutos Teológicos de Recife e de João Pessoa e foi professor de história na Universidade Federal da Bahia. Email:hoornaert@ig.com.br

Para superar a violência

Com o apoio de Koinonia e parceria da Cese, o Fórum de Mulheres Negras Cristãs de São Paulo realizou em outubro o encontro: "Música Negra Brasileira e Igrejas" nas dependências da Universidade Metodista de Ensino Superior em São Bernardo do Campo. A programação proporcionou elementos para reflexão sobre a cultura negra no contexto cristão evangélico, com a participação de grupos musicais de dança afro, bloco de rua, bumba-meboi, coral gospel, trio angolano, e a realização de palestras e oficinas sobre cultura afro-brasileira e celebrações. O evento contou com a presença de 120 pessoas, aproximadamente, a maioria mulheres, sendo que a presença masculina foi bastante significativa. A maior contribuição do encontro foi estabelecer um diálogo de compreensão e tolerância a respeito da diversidade étnica cultural, proporcionando reflexões sobre pre-

conceito, discriminação e racismo em relação à população negra dos grupos pertencentes às comunidades cristãs evangélicas.

O Secretário Regional do Clai participou da reunião com o Ministro Graziano, que lançou a Frente Evangélica de Promoção e Integração Social (Fepis), em Brasília, dia 1º de outubro. No dia 11 do mesmo mês foi lançada em Londrina a Frente Evangélica Paranaense de Integração Social, uma iniciativa da Secretaria Regional do Clai e do Movimento Evangélico Progressista núcleo do Paraná.

O Clai-Brasil distribuiu material sobre a Década no II Congresso Brasileiro de Evangelização, acontecido em Belo Horizonte (29 a 31 de outubro).

O Ceca com o projeto "Acesso Popular à Justiça" e a formação de promotoras legais populares (PLPs), desde 1998, desen-

A DÉCADA PARA SUPERAR A VIOLENCIA É UMA GRANDE CONVOCAÇÃO PARA QUE AS PESSOAS DE BOA VONTADE E INSTITUIÇÕES SE UNAM MEDIANTE A DIGNIDADE HUMANA PARA O RESGATE DO PROFETISMO BÍBLICO: "A JUSTIÇA PRODUZIRÁ A PAZ" (ISAÍAS 32,17).



DIGNIDADE HUMANA E PAZ

volve ações no sentido do fortalecimento do protagonismo das mulheres na sociedade e da construção de ações de superação da violência, com ênfase na violência de gênero. No decorrer deste ano, dentro da Campanha de combate à violência sexista da Rede Estadual de Justiça e Gênero, as PLPs e o Centro de Defesa de Direitos do Ceca realizaram, de março a novembro, oficinas sobre políticas públicas e violência doméstica na região do Vale dos Sinos. Foram realizadas 13 oficinas com a participação de 390 pessoas.

As oficinas foram trabalhadas com pessoas de diferentes grupos da região, desde alunos e alunas do 2º grau e de cursos universitários, passando por profissionais do Serviço Social, familiares de portadores de deficiência a projetos de geração de renda e de reciclagem.

A oficina é um espaço de troca, um momento de

trabalhar teoria e prática de forma articulada, estabelecendo conexões entre o saber científico e o saber popular. O grupo Promotoras Legais Populares assumiram a tarefa de organizar os dados sobre violência nas Delegacias de Polícia no município, já que esses órgãos públicos ainda não dispunham dessa informação para a sociedade. Graças à condição de agente assumida pelas promotoras legais populares no Fórum de Mulheres, hoje São Leopoldo já tem dados objetivos sobre a violência praticada contra as mulheres no município.

Uma grande manifestação de cidadania nas ruas centrais de Salvador, com a participação de mais de cinqüenta grupos populares, artistas e músicos. Assim foi a caminhada que culminou com a Campanha Primavera para a Vida em Salvador, no dia 26 de setembro. Cerca de quatro mil pessoas, segundo



cálculos da Polícia Militar, integraram o cortejo, puxado por um trio elétrico desde a Diretora Executiva da Cese, Eliana Rolemberg, fez o discurso de abertura, agradecendo a presença dos grupos apoiados, das instituições parceiras e conclamando a população para que se una na busca de soluções afirmativas para a superação da fome e da violência. Durante todo o percurso, do Campo Grande à Praça Castro Alves, os grupos apoiados pela Cese deram um show de música, dança e arte circense, afirmando sua cidadania em clima de fraternidade e alegria.

Celebrações ecumênicas, caminhadas, sessões solenes e diversas outras atividades da Campanha aconteceram em várias cidades, como Belém (PA), Palmas (TO), Vitória (ES) e Erechim (RS). Na avaliação da própria Cese, "Primavera para a Vida floresceu em todo o País". A Campanha Primavera para a Vida em 2003 teve o lema "Pão e Paz" e

aconteceu de 22 a 26 de setembro.

Promovido juntamente com *Christian Aid*, Oxfam Internacional e *Action Aid*, o Seminário "Comércio e Desenvolvimento – O Brasil e as negociações comerciais pós Cancún", realizado em 22 de setembro, em Salvador, fez parte das atividades da Primavera para a Vida, da Cese. Representantes de entidades que participaram da conferência da OMC em Cancún, na primeira quinzena de setembro, puderam apresentar ao público informações sobre as questões discutidas no encontro internacional.

O primeiro painel "A Conferência de Cancún – Resultados e Perspectivas", que contou com a participação de Iara Pietricovsky (representante do Inesc), Rafael Freire (CUT/Aliança Social Continental) e Kátia Maia (Oxfam), apresentou um balanço das discussões de Cancún. A segunda mesa abordou "O Contexto Pós-Cancún e o Bra-

sil", com as presenças de Arnoldo de Campos (Ministério do Desenvolvimento Agrário), Fátima Mello (Rebrip) e o padre Bernardo Lestiene (representante do Movimento Jubileu Sul Brasil). Cerca de quarenta participantes estiveram durante todo o dia no Hotel Vitória Marina. Ao final do encontro, foi lançado o documento sobre comércio, organizado por *Christian Aid* e organizações parceiras no Brasil.

SIGLÁRIO

- Cese – Coordenadoria Ecumônica de Serviço
Clai – Conselho Latino-Americanano De Igrejas
Fepis – Frente Evangélica de Promoção e Integração Social
PLP – Promotora Legal Popular
Ceca – Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria
OMC – Organização Mundial de Saúde
Inesc – Instituto de Estudos Socioeconômicos
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Rebrip – Rede Brasileira pela Integração dos Povos

CARTA DA TERRA

em defesa da reforma agrária e da agricultura familiar

As organizações que compõem o Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo defendem a realização de uma ampla reforma agrária e o fortalecimento da agricultura familiar, pois só elas garantirão o direito ao trabalho para a população rural, historicamente excluída, e a produção de alimentos para o mercado interno, estruturando o caminho para a soberania alimentar para nosso país.

As entidades do Fórum defendem, por isso, a criação e a implementação de um Plano Nacional de Reforma Agrária e a construção de alternativas de desenvolvimento rural sustentável e solidário para o Brasil, que alterem radicalmente o atual modelo de desenvolvimento agropecuário. Com este objetivo, lutam para:

1. A desapropriação dos latifúndios como o caminho constitucional para garantir a função social da terra; uma legislação que limite o tamanho das propriedades rurais e o confisco integral de todas as terras onde houver trabalho escravo, exploração de trabalho infantil, cultivo de plantas psicotrópicas e daquelas usadas para contrabando ou adquiridas mediante práticas ilegais.

2. O respeito aos direitos humanos no campo, combatendo todas as formas de violência e o fim da impunidade; o reconhecimento e a demarcação das terras das comunidades indígenas e das áreas de remanescentes de quilombos; a criação de reservas extrativistas; a formulação de políticas públicas que respeitem a organização sociocultural e as formas de apropriação e uso dos recursos naturais dos índios e quilombolas e de populações como ribeirinhos, seringueiros, quebradeiras de coco e outras.

3. O planejamento da produção familiar que leve em consideração as diversidades regionais, sua viabilidade e sustentabilidade econômica, social e ambiental com linhas de crédito de custeio e investimento acessíveis, com programas de seguro agrícola e de serviços de assistência técnica pública, gratuita e de qualidade e com garantia de preços mínimos justos e de comercialização da produção.

4. A implantação de agroindústrias populares nos municípios do interior, nas diversas formas cooperativas e associativas, para as quais sejam destinados prioritariamente os recursos públicos, para melhorar a renda das famílias e promover um processo de interiorização do desenvolvimento e da economia solidária.

5. A produção de sementes pelos próprios agricultores, com incentivos às iniciativas populares de resgate das sementes crioulas, como forma de garantir as sementes como patrimônio da humanidade. Para tanto, combatem o patenteamento de seres vivos, a liberação da produção comercial e o uso de sementes transgênicas, indutoras de monopólio que destrói a soberania dos agricultores e são nocivas ao meio ambiente e à saúde humana.

6. O desenvolvimento e a disseminação de novas técnicas

agrícolas não agressivas ao meio ambiente; o implante de sistemas agropecuários sustentáveis que eliminem o uso de agrotóxicos; a preservação dos recursos hidrícos e a democratização do acesso a fontes e mananciais de águas como bens públicos e patrimônio da sociedade.

7. A melhoria e o fortalecimento do sistema previdenciário baseado na segurança social, pública e universal, que permita o acesso e a permanência dos trabalhadores rurais no Regime Geral da Previdência Social, garantindo uma vida digna à população do campo.

8. A implementação das diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas no campo, localizadas prioritariamente nos projetos de assentamentos, comunidades e distritos rurais, reforçando a utilização de práticas educativas que tenham como referência a terra e a água, a organização e a cultura do campo, para facilitar o acesso às escolas, combater o analfabetismo e garantir o direito de todos à educação de qualidade em todos os níveis.

9. A garantia de igualdade de oportunidades e direitos para mulheres e jovens que corrijam discriminações decorrentes de práticas e sistemas sociais injustos, buscando sua inclusão social a partir de ações afirmativas para que seu potencial organizativo e suas habilidades produtivas sejam aproveitados na construção de alternativas de desenvolvimento e de soberania.

10. A elaboração de políticas públicas específicas para cada região do País, sobretudo para as que sofrem com condições climáticas adversas, com ênfase ao desenvolvimento de políticas de convivência com o semi-árido brasileiro, especialmente o nordestino que, submetido ao esgotamento dos recursos naturais, a práticas clientelistas históricas e a tecnologias inadequadas, fica à mercê de programas compensatórios; é urgente uma política de desenvolvimento sustentável.

Nesta luta pela reforma agrária e em defesa da agricultura familiar, os signatários querem fortalecer a solidariedade entre os povos do Continente Latino-Americano com a construção de mecanismos justos de cooperação e comercialização. Posicionam-se contrários à Área de Livre Comércio das Américas (Alca) e que vem sendo imposta, como um modelo oposto às históricas lutas populares pela democratização da terra, das riquezas e do poder. A continuidade deste tipo de negociações e acordos requer a realização de um plebiscito como forma de diálogo com a participação ampla da população.

[...]

Brasília, 22 de abril de 2003

(Assinam 44 representantes de organizações que compõem o Fórum)

